Darcilia Simões

Iconicidade Verbal.

Teoria e Prática.

2009



Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Copyrigth @ 2009 Darcilia Simões

Publicações Dialogarts http://www.dialogarts.uerj.br
Coordenadora do projeto: Darcilia Simões
Co-coordenador do projeto: Flavio García
Coordenador de divulgação: Cláudio Cezar Henriques
Projeto de capa e Diagramação: Darcilia Simões
Marca Dialogarts: Gisela Abad



Universidade do Estado do Rio de Janeiro Centro de Educação e Humanidades Instituto de Letras Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia Românica UERJ - SR3 - DEPEXT - Publicações Dialogarts

FICHA CATALOGRÁFICA

410 ICONICIDADE VERBAL. Teoria e Prática/ Darcilia Simões (Autora/Editora) - Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. 148p.

Publicações Dialogarts

Bibliografia

ISBN 978-85-86837-62-3

 Semiótica. 2. Iconicidade. 3. Língua Portuguesa. 4. Leitura. 5. Produção Textual. I. Simões, Darcilia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III. Departamento de Extensão. IV. Título.

CDD 410.400



Correspondências para:

UERJ/IL/LIPO - a/C Darcilia Simões ou Flavio García

Rua São Francisco Xavier, 524 sala 11.023 - B

Maracanã - Rio de Janeiro - CEP 20 569-900

Contatos: publicações.dialogarts@gmail.com

contato@darciliasimoes.pro.br

flavgarc@gmail.com

URL: http://www.dialogarts.uerj.br

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Agradecemos a todos que de algum modo vêm contribuindo na construção desse edifício teórico, destacando-se os seguintes orientandos e ex-orientandos:

Prof. Dr. Claudio Artur Oliveira Rei

Profa. Dra. Aira Suzana Ribeiro Martins

Prof^{a.} Dr^{a.} Vania Lucia Rodrigues Dutra

Profa. Dra Vera Costa Bomfim Pereira

Prof^{a.} M^{e..} Any Cristina Salomão

Profa. Me.. Cláudia Moura da Rocha

Profa. Me.. Elmar Rosa de Aquino

Profa. Me.. Ione Moura Moreira

Prof. Me.. Luiz Karol

Prof Me. Marcos Candido da Silva

Profa. Me. Maria Noêmi F. da Costa Freitas

Profa. Me.. Marilza Maia de Souza de Paiva

Profa. Me.. Rosane de Oliveira Reis

Profa. Me.. Virgínia Candido da Silva

Prof. Itamar José de Oliveira

Prof^a Natassia da Silva Amaral

Karla Lopes Niels (PIBIC-CNPq)

Thiago Serpa G. da Rocha (PIBIC-UERJ)

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

SUMÁRIO

Também agradecemos, pela insistente cobrança
quanto à instalação definitiva da Teoria da Iconicidade
no universo acadêmico, aos colegas

Prof^{a.} Dr^{a.} Cláudia Nívea Roncarati

Prof^{a.} Dr^{a.} Flavio García de Almeida

Prof^{a.} Dr^{a.} Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu

Palavras Iniciais	. 10
Prefácio	. 14
Apresentação	. 18
Reflexões Teórico-Filosóficas Iniciais	. 24
Algumas considerações sobre filosofia	. 29
A imprecisão da linguagem e a contribuição Semiótica	
A Linguística como uma Semiótica	. 41
Refletindo sobre Linguagens, Comunicação Semiótica	
Teoria da Iconicidade Verbal	. 52
Compondo o cenário	. 52
O paradigma da complexidade e transdisciplinaridade	
Semiótica e Linguística: Ciências Complementares	. 56
O Trabalho do SELEPROT	. 57
Por que Peirce?	. 63

Por que uma teoria da iconicidade verbal? 68
De que iconicidade falamos?
Níveis ou Tipos de Iconicidade
1 – Iconicidade Diagramática
Iconicidade Diagramática no Projeto Visual do Texto85
2 - Iconicidade Lexical
3 - Iconicidade Isotópica 88
4 - Alta ou Baixa Iconicidade
5 - Eleição de Signos Orientadores ou Desorientadores
Aplicações da
Teoria da Iconicidade Verbal
Justificando a aplicação104
Trabalhando a iconicidade lexical
Um pouco de iconicidade diagramática 109
Iconicidade na distribuição das idéias
Leitura dos signos destacados:
Leitura do Projeto do texto
Identificando a iconicidade isotópica128
Outra análise da iconicidade isotópica 129

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

O signo desorientador	131
Jma análise do projeto comunicativo	135
Referências:	140
Fontes digitais (Web)	144
Dicionários	146

49. Inscription monumentale en accadien ancien.

PALAVRAS INICIAIS

A atividade acadêmica no Brasil é árdua, complexa e multifacetada. Em decorrência, o estudioso brasileiro sofre uma pressão cruel sobre sua produção, sob pena de não conseguir ver seus projetos reconhecidos pelas fontes de fomento e, por conseguinte, não conseguir divulgar suas descobertas em larga escala.

Opõe-se a isso, a dificuldade de reunir sua produção em volumes impressos que possam incluir-se nas bibliotecas acadêmicas e disponibilizar-se à consulta do maior número possível de estudantes e pesquisadores.

Uma solução para isso foi a geração do livro digital, das publicações online e congêneres. Todavia, essa modalidade de publicidade acaba por produzir uma pressão ainda mais forte sobre os acadêmicos. A demanda de periódicos e de eventos ampliada pela celeridade da mídia digital parece-nos estar gerando um modelo acadêmico em que as salas de aula perdem espaço/tempo para os eventos, e os livros impressos são substituídos pelos digitais.

É indiscutível a contribuição advinda da cibernética, seus programas e suas máquinas para a trans-

formação dos espaços acadêmicos, tornando-os mais dinâmicos e suficientemente atraentes para competir com a televisão, o cinema, o DVD etc. No entanto, a exigência de uma atuação multimidiática na docência e na pesquisa aumenta a pressão sobre o docente universitário e suas produções se vão pulverizando mundo afora, sem que haja tempo hábil para reunir seus achados e difundi-los de modo a falarem por si próprios.

Sentimo-nos vítimas dessa moldura frenética, pois nós próprios não mais aceitamos nossas atividades resumidas à exposição oral, às anotações em quadro de classe e à produção de material impresso. Exigimo-nos aulas multicoloridas com efeitos dinâmicos produzidas em paralelo às respostas à demanda de importantes eventos e chamadas para publicação de artigos. Isso é bom e ruim a um só tempo.

A pulverização da nossa produção em um semnúmero de artigos de publicações de diversa origem acaba por não permitir uma visão global dos novos achados, e os interessados se veem meio que impedidos de apropriar-se dos novos objetos e matrizes produzidos. Por isso, vimo-nos devedores aos colegas de trabalho, que vêm acompanhando o interesse crescen-

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

te pelas linhas de pesquisa Semiótica aplicada de extração peirceana e Semiótica aplicada ao ensino de língua portuguesa. Além disso, a subsequente produção de dissertações e teses aplaudidas pela academia levou-nos a produzir esse pequeno livro que se destina unicamente a reunir de modo sumário a produção referente ao que batizamos como Teoria da Iconicidade Verbal.

Esperamos estar prestando um serviço à universidade brasileira, em especial, aproveitando a rapidez e a agilidade das publicações online para fazer circular esse construto teórico que vem subsidiando excelentes pesquisas as quais têm focalizado objetos distintos e, por conseguinte, produzido conclusões relevantes para todas as áreas e subáreas correlatas à investigação das linguagens, dos signos, dos códigos e suas diferentes tecnologias.

Abril de 2009.

A autora.



13

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Prefácio

Iconicidade verbal. Expressão tão hermética, que, para alguns, pode representar mistério. É este mistério que o livro, ora apresentado à comunidade acadêmica — Iconicidade Verbal: Teoria e Prática — procura desvendar.

Há muito precisávamos de um documento acadêmico que trouxesse, de forma palpável, esta teoria tão misteriosa. A professora Darcilia Simões aceitou este desafio e descortina para nós, leitores, a Semiótica de três pilares: o primeiro é teórico, e nele se propõem reflexões teórico-filosóficas iniciais, levando seu leitor a entender as raízes filosóficas da Teoria da Iconicidade. O ponto de intersecção fundamental é a linguagem. Por isso, estabelece uma tríade Semiótica, Filosofia e Linguagem como viés fundamental para o entendimento do texto. Neste sentido, aprofunda o conceito de signo, mostrando a semiótica como um importante instrumental observador da linguagem.

Para compor o cenário que a autora propõe, há um segundo pilar, aquele que descor-

tina a Teoria da Iconicidade verbal. Trazendo à baila diferentes conceitos, há um entremear de paradigmas e conceitos, levando-nos a olhar, a exemplo do conceito de linguagem, a Semiótica como transdisciplinar. Tomando a teoria de Peirce, a autora desfila os diferentes conceitos semióticos, ratificando que temos, cognitivamente, uma "imagem discursiva", pois o signo verbal é uma imagem.

O ponto alto desse descortinar se constitui no terceiro pilar do livro: Aplicações da Teoria da Iconicidade verbal, em que são apresentados cenários textuais, sendo a teoria aplicada em diferentes gêneros discursivos, em uma possível entrega das chaves do desvendamento dos mistérios.

Este livro, sem dúvida nenhuma, é inspirado em muitas fontes, que entrelaçam os diferentes percursos da autora tanto em seus trabalhos de pesquisa, quanto em sua prática na sala de aula O entrelaçamento maior decorre de sua profunda preocupação com o " o que é estudar o português?"

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Nas misteriosas páginas em que desvenda o mistério, poderemos repensar o ensino de língua portuguesa, a formação do professor, do leitor. E, por conseguinte, ao analisar o texto da perspectiva teórica, verificar o instrumental que a Semiótica se constitui para o entendimento do texto.

Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu
Doutora em Linguística
Vice-coordenadora do Mestrado em Língua
Portuguesa
do Instituto de Letras (UERJ)
Coordenadora do Curso de Letras da Faculdade

15



Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

APRESENTAÇÃO

Para nortear a leitura da construção da Teoria da Iconicidade Verbal, apresentamos inicialmente algumas reflexões teórico-filosóficas, tomando a Filosofia como referência de nossa construção Semiótica. A linguagem passa a ser vista como modo de ação e interação social. Ela passa a ser constitutiva tanto da realidade quanto da compreensão dos contextos de que participamos. É ainda no capítulo em que Filosofia e Semiótica se entrecruzam onde se focalizam os processos semióticos aplicados como recursos auxiliares aos estudos da Filosofia da Linguagem parecem poder, quando nada, produzir explicações plausíveis, verossímeis, para as relações e consequências da interação humana por meio de linguagens. Tentamos objetivar que as fronteiras entre a Semiótica e a Filosofia da Linguagem em alguns momentos não passam de cortinas de fumaça, uma vez que ambas buscam interpretar o processo de produção de signos que se prestam à descrição da origem, das condições e das funções da linguagem humana além de suas relações com o pensamento. Mais à frente, verifica-se o contato imediato entre Filosofia da Linguagem e Semiótica, uma vez que ambas vão operar com conhecimento e verdade, ao mesmo tempo que se chama a atenção para a imprecisão da linguagem e destaca-se a con-

17

tribuição da Semiótica no aclaramento de limites entre signos de natureza distinta, de modo a sustentar as análises em que os signos observados recebam enquadramento adequado. Tenta-se mostrar a seguir a Linguística como uma Semiótica, de modo que não se vejam tais ciências como campos excludentes de análise.

O estudo dos signos linguísticos e seus condicionamentos permite aos linguistas analisar a semiose no plano verbal e com isto projetar suas investigações em planos mais largos como o da Semiótica das Culturas. A expressão do pensamento em linguagem verbal fornece elementos para uma investigação produtiva das relações entre signos e usuários, assim como entre significantes e significados balizados pelos interpretantes dinâmico (que é imediato ao contexto) e final (que resulta da relação entre o contexto e o co-texto).

Semiotizamos os objetos em análise. Assim, a Linguística se ocupa da interpretação de base linguageira, e a Filosofia do que concerne à organização dos mesmos signos nas bases lógicas do pensar. Já a Filosofia da Linguagem se incumbe da compreensão e interpretação dos processos comunicativos e de suas estratégias usados com fins de negociação de sentidos entre os participantes da comunidade em questão,

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

buscando ampliar-lhes os sentidos para o âmbito do pensar-dizer humano. Assim se articulam a Semiótica, a Linguística e a Filosofia como observadoras da linguagem e seus acontecimentos. Conclui-se que Semiótica e Filosofia devem estar na ordem do dia dos estudos e pesquisas, para que paulatinamente se vá construindo um entendimento cada vez mais apropriado desse mundo plural e sob a interferência de metas globalizantes que precisam neutralizar as diferenças, contudo, não podem em hipótese alguma apagá-las.

Na vanguarda das reflexões, abre-se a discussão entre os contatos indispensáveis e às vezes impensáveis entre as ciências, as descobertas, o conhecimento humano em geral e a construção de melhores dias para a humanidade

A Teoria da Iconicidade Verbal então se apresenta como uma imposição do mundo moderno. Atualmente, a comunicação se reveste de signos de diversa natureza, que se articulam num mesmo espaço textual. Por isso, não mais basta estudar o código linguistico. A comunicação hodierna carece do entrecruzar de múltiplos códigos e variadas linguagens, logo, impõese um estudo combinado da Linguística com a Semiótica, com vista a uma análise mais abrangente dos pro-

cessos comunicativos. Mostra-se então o trabalho do Grupo de Pesquisa Semiótica, Leitura e Produção de Textos – o SELEPROT, que desde 2002 vem envidando esforços na construção e testagem de um suporte semiótico, em especial, para o estudo das línguas.

Grupo constituído por linguistas, designer, comunicólogos e cientistas da literatura, o SELEPROT tem tido a oportunidade de discutir os processos de comunicação pautados no signo dinâmico; objeto que se movimenta em meio aos movimentos sociais e que se cria e recria cotidianamente.

Estimulados pela liderança de Darcilia Simões, o SELEPROT tem trabalhado com a Semiótica de Peirce, a partir da qual vêm discutindo o signo verbal (que não foi objeto dos estudos peirceanos) de modo a criar uma Semiótica Aplicada ao Ensino de Línguas.

Destacada a iconicidade, teoria com raízes em Sebeok (1979), Simões debruçou-se a testar a potencialidade plástica dos signos verbais e chegou à descoberta de uma iconicidade direta (imagética) e uma indireta (indicial). Essas qualidades sígnicas ocorrem em vários níveis ou tipos que a autora denominou como: 1 – Iconicidade Diagramática; 2 – Iconicidade Lexical; 3 -

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Iconicidade Isotópica; 4 - Alta ou Baixa Iconicidade e 5 - Eleição de Signos Orientadores ou Desorientadores.

Para concretizar sua proposta teórica, a autora oferece ao leitor uma segunda parte em que são exemplificadas as várias instâncias da iconicidade de modo a facilitar a multiplicação de análises, posteriores à conclusão dessa leitura. Bom trabalho!



Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

REFLEXÕES TEÓRICO-FILOSÓFICAS INICIAIS

Os tempos ora vividos indicam necessidades prementes de novas leituras e entendimentos da ação humana. Há movimentos de interação global entre as nações por força de mudanças no modelo econômico e, em decorrência, os indivíduos se desorientam diante de novas práticas e exigências novas de competências cada vez mais sofisticadas, sobretudo no que tange às comunicações, às linguagens.

O problema ancestral da comunicação tem sido perseguido e observado sob os mais variados ângulos. Avanços substanciais vêm sendo construídos. No entanto, o cenário de guerras intermináveis e de comportamentos intolerantes e fundamentalistas são sinais de que algo vai muito mal no âmbito das interações humanas. Isso porque a interação depende precipuamente de uma comunicação ampla e, no mínimo, satisfatória. Mas o desentendimento que grassa entre nações – sobretudo do Oriente – e que não atinge qualquer nível de ajuste, a despeito de intervenções variadas de elementos externos, demonstra que o homem ainda está muito longe da interação esperada: aquela em que a solidariedade seria o grande emblema.

23

Os profissionais das linguagens e da comunicação sentem-se cada vez mais atormentados com a preocupação de encontrar meios de aperfeiçoar os processos de interação. Pesquisas inúmeras vêm sendo desenvolvidas no sentido não só de aperfeiçoarem modelos teóricos já construídos, mas também produzirem novos paradigmas que possibilitem um melhor entendimento entre os homens. Desde a Antiguidade Clássica, os pensadores discutem o grande dilema humano: quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Entretanto, a despeito das grandes e relevantes conquistas espaciais, dos avanços da cibernética, das descobertas da medicina genética, a aflição humana permanece em níveis algo fora de controle, e as nações-paradigma de desenvolvimento acabam por dar mostras de comportamento cada vez mais egoísta, intolerante, extremista.

Esse quadro sinaliza que é preciso avançar no estudo das linguagens e da comunicação, contudo, refinando o foco para o espaço do raciocínio filosófico, para que se possa combinar os avanços no conhecimento dos signos, códigos, linguagens e processos de comunicação ao estágio atual do pensamento filosófico, no qual, cada vez mais a linguagem ganha destaque.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Segundo Wittgenstein (cf. Investigações Filosóficas), o indivíduo aprende desde a infância um semfim de jogos de linguagem por meio dos quais ele atua nos contextos de que participa. Ao usar a linguagem, estamos agindo em um contexto social, e nossos atos são significativos e eficazes apenas na medida em que correspondem às determinações de "formas de vida" inscritas nas práticas e instituições sociais de que participamos. Assim sendo, o conhecimento de uma língua, a competência linguística e a capacidade de participar de jogos de linguagem formam, então, o horizonte de nossa visão de realidade, o pano de fundo de nosso comportamento, tanto do ponto de vista de nosso agir, quanto do ponto de vista de nossa capacidade de interpretar o significado dos atos dos outros membros da comunidade e da maneira pela qual se nos relacionam. Vê-se, assim, a linguagem ordinária como fonte originária de nossa experiência, já que constitui seu horizonte e é pressuposto de nosso comportamento.

De Aristóteles a Heidegger, observa-se a linguagem como sendo ora sede ora meio do pensar. Segundo Marcondes (1992), Habermas traz contribuições relevantes sobre a teoria da competência comunicativa e a pragmática universal e demonstra que noções bási-

cas da Filosofia da Linguagem Ordinária (ex. Teoria dos atos de fala) podem contribuir para a construção de um método de análise crítica da realidade social como tarefa fundamental da filosofia. Isso porque se impõe a compreensão do homem e do mundo, para que se encontrem novas formas de administrar as relações humanas e solucionar ou minimizar os conflitos de interesses.

Para a Filosofia da Linguagem Ordinária, a linguagem deve ser entendida, principalmente, como prática social concreta, como um sistema de atos simbólicos realizados em determinado contexto social com objetivo preciso e produzindo certos efeitos e consequências convencionais. Nessa linha de raciocínio, a linguagem afasta-se da concepção clássica de meio de descrição do mundo e de interpretação da realidade. A linguagem passa a ser vista como modo de ação e interação social. Ela passa a ser constitutiva tanto da realidade quanto da compreensão dos contextos de que participamos.

Segundo tal raciocínio, ganha relevo o processo semiótico. A semiotização dos objetos culturais se mostra como condição para o entendimento das interações sociais e para o aperfeiçoamento das relações

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

humanas. Quando se fala de descrição e de interpretação do mundo e da realidade, impõe-se pensar em processos sígnicos por meio dos quais são construídos os cenários e as práticas sociais. Semiótica, Filosofia e Linguagem são o tripé indispensável da evolução dos modelos sociais. Por meio dessas ciências, o homem pode aprofundar seu autoconhecimento e o conhecimento do mundo que o cerca e das consequências dos relacionamentos humanos em todos os níveis.

Retomando Aristóteles, verifica-se que o processo semiótico é o grande nó dos estudos da Filosofia da Linguagem. Os indivíduos são inúmeros, há uma infinitude de coisas, e as palavras de uma língua são (a princípio) finitas. Logo, compreender a dupla articulação dos signos (no plano da referência externa - do contexto - e das relações internas - do co-texto) é um exercício semiótico indispensável e interminável, uma vez que se combinam e se recombinam os mesmos sinais com vistas a representar todo o pensável. A despeito de uma iconicidade originária (por meio da qual a referência se daria de modo quase que biunívoco) não-presente nas coisas abstratas, os categoremas e os sincategoremas aristotélicos (cf. Guerreiro, 1985) permitiriam que se representassem por linguagem todo e qualquer conteúdo pensado. No entanto, conside-

radas as associações sígnicas arbitrárias disponíveis, deduz-se a complexidade do processo semiótico tanto na produção quanto na interpretação dos significados. Aqui entra uma relação necessária entre Semiótica e Filosofia, no que se refere à comunicação. Segundo Proust (apud Deleuze, 2003), a Filosofia é como a expressão de um espírito universal que concorda consigo mesmo para determinar significações explícitas e comunicáveis. Assim sendo, a semiose seria o processo fundamental de construção desse espírito universal que permitiria a comunicação entre os seres, o entendimento. Cumpre, portanto, apreciar os laços entre Semiótica e Filosofia da Linguagem para que se possa buscar a compreensão de como se utilizarem os elementos dessas ciências na produção de um paradigma social mais justo e confortável para os sujeitos contemporâneos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FILOSOFIA

Antes de enveredar-se pela Filosofia da Linguagem, cumpre fazer uma singela revisão do que abrange o termo *filosofia*. Busque-se inicialmente o dicionário:

> "substantivo feminino – 1 - Rubrica: filosofia. amor pela sabedoria, experimentado apenas pelo ser humano

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

consciente de sua própria ignorância [Segundo autores clássicos, sentido original do termo, atribuído ao filósofo grego Pitágoras (sVI a.C.).] - 2 - Rubrica: filosofia. no platonismo, investigação da dimensão essencial e ontológica do mundo real, ultrapassando a mera opinião irrefletida do senso comum que se mantém cativa da realidade empírica e das aparências sensíveis. - 3 - Rubrica: filosofia. no âmbito das relações com o conhecimento científico, conjunto de princípios teóricos que fundamentam, avaliam e sintetizam a miríade de ciências particulares, tendo contribuído de forma direta e indispensável para o surgimento e/ou desenvolvimento de muitos destes ramos do saber - 4 - Rubrica: filosofia, na dimensão metafísica, conjunto especulações teóricas que compartilham com a religião a busca das verdades primeiras e incondicionadas, tais como as relativas à natureza de Deus, da alma e do universo, divergindo entretanto da fé por utilizar procedimentos argumentativos, lógicos e dedutivos - 5 - Rubrica: filosofia. no âmbito da relação entre teoria e prática, pensamento inicialmente contemplativo, em que o ser humano busca compreender a si mesmo e a realidade circundante, e que irá determinar, em seguida, o seu caráter prescritivo ou prático, voltado para a ação

concreta e suas consequências éticas, políticas ou psicológicas.' [Houaiss, s.u.]

Rastreada desde o amor pela sabedoria até pensamento inicialmente contemplativo, em que o ser humano busca compreender a si mesmo e a realidade circundante, e que irá determinar, em seguida, o seu caráter prescritivo ou prático, voltado para a ação concreta e suas consequências éticas, políticas ou psicológicas, tem-se na filosofia o arrolamento das perplexidades humanas ante sua existência. O desejo de conhecer o mundo e de autoconhecer-se tem ocupado a mente humana desde os primórdios da humanidade numa busca incessante por respostas acerca de sua origem, seu destino e o seu ser-aqui.

Considerada como um exercício da inteligência, a atitude filosófica faz do homem um observador de si mesmo e de seu entorno. E graças à atitude filosófica, desenvolveu-se o método científico, por meio do qual se tem podido realizar grandes descobertas no plano físico e metafísico.

Se o pensamento é indicador da existência inteligente, é possível inferir que a Filosofia seja uma Semiótica Especial por meio da qual se construam os signos que expliquem a existência humana e suas consequências. Dessa forma, a Semiótica passa a ser en-

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

tendida não apenas como ciência investigativa da produção de significados, mas também, ou principalmente, como paradigma inteligente de leitura do mundo.

Observe-se que a acepção dicionária de número 3 para filosofia toma-a como conjunto de princípios teóricos, que fundamentam, avaliam e sintetizam a miríade de ciências particulares, tendo contribuído de forma direta e indispensável para o surgimento e/ou desenvolvimento de muitos destes ramos do saber, o que corrobora a classificação da Filosofia como uma Semiótica Especial, já que, em última análise, a Semiótica pode ser traduzida como um modelo teórico de análise sígnica; enquanto as demais ciências (inclusive a Filosofia) seriam geradoras de signos a serem discutidos e interpretados semioticamente, segundo um quadro de valores emergentes do contexto em que se enquadrem os signos gerados.

Destarte, abrindo a porta para uma filosofia com adjetivo, definida por um recorte do objeto, chama-se à cena de volta a Filosofia da Linguagem. Esta tem sido atualmente objeto de muitos estudos em diversas áreas, pois é perceptível a preocupação dos estudiosos quanto à busca de explicações que deem suporte à melhoria da qualidade de vida na Terra (por

enquanto). Assim sendo, retomada a definição de uma filosofia voltada para a busca de compreensão do homem em si mesmo e da realidade circundante, verifica-se a importância do aprofundamento de sua relação com a Semiótica, no sentido de construírem-se matrizes de interpretação dos sistemas de valores que regem as sociedades contemporâneas, a partir dos quais se tornaria possível um melhor entendimento entre os indivíduos

Dentre os grandes problemas que afligem os pensadores destacam-se a questão da verdade, do certo e do errado. Essa tríade tem alimentado acirradas discussões que, no âmbito político hodierno tem no comportamento fundamentalista islâmico um exemplo grave da importância do entendimento dos valores de verdade, certo e errado.

O avanço das ciências já demonstrou exaustivamente a efemeridade das conclusões, das descobertas; por conseguinte, põe em cheque a tríade mencionada. Como estabelecer verdades, certos e errados, em espaços provisórios? Mas, mesmo assim, as ansiedades e expectativas humanas não se satisfazem com seus achados temporários e correm aflita e vorazmente na

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

direção de respostas definitivas, mesmo antevendo sua pré-impossibilidade.

Essa corrida insana por respostas finais tem levado o homem à intolerância máxima e, em vez de encontrar conforto e felicidade com o avanço das descobertas, o que se vê é a amplificação do desespero, da ganância, do egoísmo, dos radicalismos irracionais.

Os processos semióticos aplicados como recursos auxiliares aos estudos da Filosofia da Linguagem parecem poder, quando nada, produzir explicações plausíveis, verossímeis, para as relações e consequências da interação humana por meio de linguagens. Retomando Heidegger e suas premissas homem como ser de linguagem ou a linguagem como a casa do ser, parece possível reiterar-se o caráter arbitrário e efêmero da linguagem. Embora as comunicações linguageiras sejam construídas a partir de códigos, estes estão à mercê de seus usuários (recriadores, portanto), que, a seu turno, estão sujeitos às intervenções contextuais. Na perspectiva de Peirce, o interpretante coletivo (conjunto de funções-valores vigentes numa comunidade discursiva) é o maestro dos arranjos representativos e interpretativos por meio dos quais se realiza a comunicação naquele espaço. Logo, releia-se o homem-

linguagem de Heidegger como referendo da arbitrariedade, da efemeridade, consequentemente, da mutação infinita disponível para os processos de linguagem. Assim sendo, o papel da Filosofia da Linguagem seria o estudo aprofundado da cogitação humana acerca de si e de suas relações traduzida em signos que poderiam representar ideologias e epistemologias distintas e, por conseguinte, seriam passíveis de diferentes semioses.

Na persecução das semioses, é necessário definirem-se os espaços da Linguística e da Filosofia da Linguagem. Ciências distintas operam com objetos distintos. Por isso, cumpre lembrar que o objeto da Linguística (ciência contida na Semiótica) é a linguagem verbal humana; já o objeto da Filosofia é o pensar. Há quem diga que Filosofia não é ciência nem técnica, mas um exercício perpétuo do pensar, buscando o sentido que as coisas possam ter para a experiência humana (Hryeniewcz, 2002). Cumpre então, examinar o que cabe à Filosofia da Linguagem.

Veja-se o excerto:

"A Filosofia da Linguagem está ainda menos bem definida e possui um princípio de unidade ainda menos claro do que a maioria dos outros ramos da Filosofia. Os problemas da linguagem que

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

são tipicamente tratados pelos filósofos constituem uma coleção pouco conexa, para a qual é difícil encontrar qualquer critério nítido que a distinga dos problemas de linguagem de que se ocupam gramáticos, psicólogos e antropólogos. Podemos chegar a uma noção inicial da amplitude dessa coleção fazendo um levantamento dos vários pontos onde, no âmbito da Filosofia, surge o interesse pelos problemas da linguagem." (Alston, 1972).

Há muita especulação em torno da linguagem, partindo-se de pontos de vista muito diferentes e, nesse caso, os problemas assumem configurações bem diversas. Observadas as considerações de Alston, é possível deduzir a complexidade do fenômeno da linguagem e de um recorte deste para caracterizar uma ciência. A Filosofia da Linguagem consiste num dos ramos da Filosofia que reflete sobre os problemas da linguagem, mas de modo distinto das questões de que se ocupam os gramáticos, os psicólogos e os antropólogos. Alston (op. cit.) apresenta um levantamento das várias questões que interferem para que esta se defina justificando que não há critérios nítidos para manter um princípio de unidade como na maioria dos outros ramos da Filosofia.

Ramos da Filosofia como a Lógica, a Metafísica e a Epistemologia operam com a formulação de conceitos, logo, têm na linguagem o objeto referenciador de tais formulações. Se a tarefa primordial, senão integral, da Filosofia consiste na análise conceptual, aquela está sempre interessada na linguagem. E, se grande parte da tarefa do filósofo é fazer ressaltar as características do uso ou da significação de várias palavras ou formas de enunciado, então ser-lhe-á essencial proceder de acordo com alguma concepção geral da natureza do uso e da significação linguísticos.

Auroux também reflete sobre diferentes abordagens que a literatura dedica à Filosofia da Linguagem e expõe algumas questões que referenciam o seu processo histórico e a atribuição de um lugar central às Ciências da Linguagem. Em linhas gerais, ele argumenta que, ao tentar compreender a Filosofia da Linguagem, estamos refletindo a Filosofia e acrescenta "a filosofia não é nem um pronto pensar nem uma apresentação de doutrinas estandardizadas; ela consiste antes de tudo em mexer com a cabeça das pessoas!" (Auroux, 1998: 24).

A linguagem, muitas vezes, é considerada imprecisa ou por demais limitada para descrever ou representar a força da realidade. Esta consciência da li-

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

mitação acontece de forma aguda em autores místicos, como Plotino ou Bergson. Tendo em vista esta deficiência, é que, a partir do final do Século XIX, uma corrente de filósofos passou a se destacar: a dos filósofos analíticos. Eles dizem que a Lógica (que etimologicamente significa a Ciência da Linguagem) e a Teoria do Significado são a parte mais primordial da Filosofia, cuja tarefa básica é a análise lógica de sentenças e inferências, através da qual se obtém a solução de problemas filosóficos. Frege, a partir da linguagem matemática, desenvolveu reflexões sobre a linguagem e o significado, abrindo caminho para a filosofia da linguagem de Russel, Carnap e Wittgenstein.

Como se vê nesta breve incursão pela Filosofia, a Filosofia da Linguagem é uma imposição da natureza dos objetivos filosóficos com que se interpretam as representações de diferentes visões de mundo por meio de sistemas de signos. Portanto, as fronteiras entre a Semiótica e a Filosofia da Linguagem em alguns momentos não passam de cortinas de fumaça, uma vez que ambas buscam interpretar o processo de produção de signos que se prestam à descrição da origem, das condições e das funções da linguagem humana além de suas relações com o pensamento.

A IMPRECISÃO DA LINGUAGEM E A CONTRIBUIÇÃO DA SE-MIÓTICA

A linguagem contém uma indeterminação decorrente de uma característica fundamental do signo. Este é um sinal, um traço que está no lugar de uma outra coisa, a qual pode ser um objeto concreto, ou um conceito abstrato. Na linguagem filosófica de Derrida, poderíamos dizer que o signo não é uma presença, ou seja, a "coisa" ou o "conceito" não está presente no signo, é um rastro. Mas a natureza da linguagem é tal que não podemos deixar de ter a ilusão de ver o signo como uma presença, isto é, de ver no signo a presença da "coisa" ou do "conceito". É a isso que Derrida (2000) chama de "metafísica da presença". Essa ilusão é necessária para que o signo funcione como tal: afinal o signo está no lugar de alguma outra coisa e, embora na plena presença do signo, o conceito de algo é definitivamente adiado. Para ele, o signo carrega não apenas o traço daquilo que o substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença. Em suma, o signo é caracterizado pelo adiamento (da presença) e pela diferença (da ausência, relativamente a outros signos). Essas duas características estão sintetizadas no conceito de différance (Derrida, 2000).

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Alguns filósofos pós-modernos, pósestruturalistas, tais como, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Lyotard e Jean Baudrillard começaram a se preocupar com os fenômenos sociais e humanos e desconstruíram o discurso filosófico sobre os valores ocidentais dos princípios e das concepções de Deus, Razão, Sujeito, Verdade, Ordem, Ciência, Ser. Para esses autores, desconstruir o discurso não significa destruílo, nem mostrar como foi construído, mas refletir sobre o não-dito como subjacente ao que foi dito, buscar o silenciado sob o que foi falado. Disso pode-se extrair que a imprecisão do dizer (da linguagem) precisa ser compensada por estratégias técnico-teóricas capazes de penetrar no espaço da semiose e, sobretudo por meio da abdução, formular caminhos de interpretação que respondam a clássica pergunta Semiótica: por que isto significa o que significa?

Nessa perspectiva, verifica-se o contato imediato entre Filosofia da Linguagem e Semiótica, uma vez que ambas vão operar com *conhecimento* e *verdade*. O conhecimento, do ponto de vista semiótico, serviria de base interpretante para a produção de significados e sentidos. Na Filosofia, o conhecimento representa uma garantia de que o que está sendo identificado na razão pelo entendimento corresponde de fato a uma realida-

de. Na Filosofia da Linguagem, o conhecimento é representado por enunciados cujos componentes deverão conter dados lógicos suficientes para a sua validação em relação com a verdade representada.

Na atualidade, a questão da verdade já não marca oposição filosófica ou semiótica relevante, uma vez que a verdade hoje é, indiscutivelmente, relativa, parcial e temporária. Contudo, do ponto de vista da informação e da comunicação, a verdade é ainda condição de grande valor ou interesse, por atuar sobre a formação de opinião, por exemplo. É mister então trazer ao texto noções relativas ao domínio da Linguística, para se ir construindo uma amarração indispensável entre os conteúdos temáticos deste artigo: Semiótica, Linguística e Filosofia da Linguagem.

A LINGUÍSTICA COMO UMA SEMIÓTICA

Segundo Petter (2002), a abrangência do termo linguagem (que abarca o verbal e o não-verbal) obriga que se explicite o objeto mesmo da Linguística não como estudo da linguagem, mas como investigação científica da linguagem verbal humana. No entanto, o fato de todas as linguagens serem sistemas de signos usados para a comunicação tornou possível a concepção de uma ciência mais geral que estudasse qualquer sis-

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

tema de signos. Saussure a denominou *Semiologia*, e Peirce a chamou de *Semiótica*. No seu âmbito se inscreve a Linguística, que se ocupa das *línguas naturais* as quais são as principais modalidades dos sistemas sígnicos por constituírem a forma de comunicação mais altamente desenvolvida e de maior uso.

A Linguística não se confunde com o estudo de uma ou outra língua em particular, ao contrário, o linguista deve estar apto a descrever sistemas vários, com vistas a compará-los e, com isso, demonstrar suas semelhanças e diferenças. A Linguística também não pode ser entendida como sinônimo de ensino gramatical, uma vez que sua função é descrever sistemas de línguas naturais e não ditar normas de execução destes. A Linguística também se ocupa da variação das línguas em função de seus condicionantes diacrônicos, diatópicos, diastráticos e diafásicos. Logo, a Linguística é uma ciência geral que orienta a descrição dos sistemas de línguas particulares e especializa-se nestes por meio das modalidades aplicadas dessa ciência.

O estudo dos signos linguísticos e seus condicionamentos permite aos linguistas analisar a semiose no plano verbal e com isto projetar suas investigações em planos mais largos como o da Semiótica das Cultu-

ras. A expressão do pensamento em linguagem verbal fornece elementos para uma investigação produtiva das relações entre signos e usuários, assim como entre significantes e significados balizados pelos interpretantes dinâmico (o que é imediato ao contexto) e final (o que resulta da relação entre o contexto e o co-texto).

Primeiramente cumpre reavivar o que seja o signo para Peirce (1984): unidade triádica constituída, ou seja, que necessita da cooperação de três instâncias que são o signo S (representâmen), o objeto O (o que se representa) e o interpretante I que produz a relação.

Veja se o diagrama:



Observe-se que o diagrama demonstra a força do interpretante sobre os demais integrantes da tríade. É ele, o interpretante, que define a resultante sígnica, ou seja, o significado.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Eco (1969, p. 115) interpreta o triângulo de Perice da seguinte forma:

Numa forma que lembra o triângulo richardsiano. Peirce entendia o sinal ("algo que está para alguém em lugar de alguma outra coisa sob algum aspecto ou capacidade") como uma estrutura triádica que tem em sua base o símbolo ou representamen, Posto em relação com o objeto que representa; no vértice do triângulo o sinal tem o interpretante, que muitos são levados a identificar com o significado ou a referência. De qualquer maneira, o interpretante não é o intérprete, isto é, quem recebe o sinal (...). O interpretante é aquilo que garante a validade do sinal mesmo na ausência do intérprete.

Veja-se o que disse Peirce (1897):

"2.228. Un signo, o representamen, es algo que está por algo para alguien en algún aspecto o capacidad. Se dirige a alguien, esto es, crea en la mente de esa persona un signo equivalente o, tal vez, un signo más desarrollado. Aquel signo que crea lo llamo interpretante del primer signo. El signo está por algo: su objeto. Está por ese objeto no en todos los aspectos, sino en referencia a una especie de idea, a la que a veces he llamado fundamento [ground] del representamen. "Idea" ha de entenderse aquí en

una especie de sentido platónico muy familiar en el habla cotidiana, quiero decir, en el sentido en que decimos que un hombre toma la idea de otro, o en el que decimos que, cuando un hombre recuerda lo que estaba pensando en un tiempo previo, recuerda la misma idea, o en el que, cuando un hombre continúa pensando cualquier cosa, digamos por una décima de segundo, en tanto que el pensamiento continúa concordando consigo mismo durante ese tiempo, es decir, teniendo un contenido semejante, es la misma idea, y no es en cada instante del intervalo una idea nueva."

Supomos que esses fragmentos clarifiquem a noção de interpretante, como sendo a base das semioses num dado contexto. Às vezes tomado de maneira simplória como sinônimo de senso comum, o interpretante é o conjunto de funções-valores que uma comunidade discursiva constrói a partir de seus usos e costumes, balizando assim a interpretação e a compreensão dos fatos e fenômenos que ocorrem em seu âmbito. Portanto, semiotizados os objetos em análise, a Linguística se ocupa da interpretação de base linguageira, e a Filosofia do que concerne à organização dos mesmos signos nas bases lógicas do pensar. Por fim, a Filosofia da Linguagem se incumbe da compreensão e

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

interpretação dos processos comunicativos e de suas estratégias usados com fins de negociação de sentidos entre os participantes da comunidade em questão, buscando ampliar-lhes os sentidos para o âmbito do pensar-dizer humano. Assim se articulam a Semiótica, a Linguística e a Filosofia como observadoras da linguagem e seus acontecimentos.

Para melhor encerrar esta seção, transcrevemos Santaella (1998 p. 34): "A semiótica é (...) a doutrina de todos os tipos possíveis de signos sobre a qual se funda a teoria dos métodos de investigação utilizados por uma inteligência científica".

REFLETINDO SOBRE LINGUAGENS, COMUNICAÇÃO E SEMI-ÓTICA.

Considerando-se que as descobertas científicas ou técnicas traduzem-se em linguagens, verifica-se que o estudo da Semiótica é uma imposição do mundo contemporâneo. Como se entenderem com maior profundidade os relatos das novas criações humanas senão por meio da semiotização de seus objetos e da compreensão dos cenários em que se enquadram? Disto resulta a indispensabilidade de uma retomada filosófica do conhecimento, uma vez que a Semiótica a que nos referimos é emergente de uma lógica formal.

Veja-se o que diz Peirce (c. 1902):

En la larga discusión sobre la clasificación de las ciencias, a la que dediqué la sección última1, intenté aclarar el modo de relación de la lógica con otras investigaciones teoréticas; o, al menos, hacer explícita la opinión del autor, pues aún queda por probar la verdad de lo que se dijo. No es, sin embargo, una herejía, sino una doctrina ampliamente extendida, desde que Augusto Comte² expuso que las ciencias forman una suerte de escala que desciende hasta el manantial de la verdad, cada una de ellas llevando a la otra, las más concretas y especiales extrayendo sus principios de las más abstractas y generales. ("¿Por qué estudiar lógica?")

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Observadas tais considerações acerca das relações da Lógica com as demais ciências, segundo Peirce, não é difícil depreender-se a impossibilidade da construção de verdades absolutas. Portanto, do ponto de vista político-social, os fundamentos lógicos subjacentes a uma tomada filosófica da realidade não se mostram adequados a projetos de governo, a projetos sociais, a paradigmas de controle sociopolítico que pretendam mascarar-se de soluções definitivas para o desconforto da humanidade. Assim sendo, regimes totalitários tentaram reduzir (ou mesmo apagar) o espaço do pensamento filosófico, sobretudo expulsando a Filosofia dos currículos escolares. No entanto, a forca e o vigor do pensamento humano não se rendem às atitudes totalitárias e a filosofia retorna às salas de aula (entre outros espaços de reflexão e ação) com o intuito de remexer com pseudo-acomodações e promover novas elucubrações acerca do estar-no-mundo. Assim, linguagens, semióticas e filosofias se articulam em prol de um entendimento mais abrangente das relações e interações humanas. Não há como isolar tais domínios a não ser para fins didáticos.

As descobertas contemporâneas chegam a iludir o homem e levá-lo a supor-se suficiente ao controle da vida e da morte. Entretanto, a resposta para *Quo vadis?*

¹ "Una clasificación detallada de las ciencias" (CP 1. 203-283), que corresponde a la sección I, cap. 2, de la *Minute Logic* (1902).

^{2 &}quot;Comte [Cours de Philosophie Positive]... construyó una útil escala, tal como todo hombre cándido reconoce hoy. Discurre así: matemática, astronomía, física, química, biología, sociología. Pero la sociología se encuentra a distancia de las otras, en tanto ciencias físicas. Astronomía, para Comte, significaba la astronomía de su época... Pero nuestra astronomía depende ampliamente de la química. Eliminando matemática y sociología, que no son ciencias físicas, y poniendo astronomía donde parece que le corresponde ahora, tenemos física, química, biología, astronomía..." (CP 1. 259). Lo que presenta Peirce, esquematizando aquí un poco su más bien compleja articulación, es un criterio de clasificación de las ciencias entrecruzando tres puntos de vista: el general o nomológico, el clasificación y el descriptivo, con tres tipos de contenidos, el de las ciencias del descubrimiento, el de las ciencias de la recapitulación y el de las ciencias prácticas. Aunque de hecho su elaboración se centra en las primeras (1. 181-201), habiendo dejado sólo pequeños apuntes sobre las segundas, y nada sobre las terceras (1. 202).

ainda não está sequer próxima de ser produzida. As indagações são sempre maiores que as respostas. Mas o homem tem o dom de iludir-se com suas produções e por isso consegue enredar-se em desvarios técnicocientíficos que convolam em problemas políticos da mais alta gravidade.

Por que tais comentários? Porque cremos na necessidade de uma interação permanente entre as ciências e a filosofia, uma vez que por meio desta é que se pensa o pensar; e é por meio desta que se torna possível uma compreensão mais profunda do que possa ser o homem, abrindo-se então o espaço para o entendimento dos porquês que explicitariam o problema semiótico básico: por que isso significa o que significa? Dessa indagação emerge a necessidade premente de estudos, pesquisas e propostas de estratégias voltadas para aperfeiçoamento dos processos de ensinoaprendizagem das linguagens, dos códigos e respectivas tecnologias. Isto porque o indivíduo devidamente instrumentalizado para a comunicação poderá interferir sobre o contexto de que participa, reconhecendo a diversidade desse constructo e distinguindo (e elegendo) meios e modos que se ajustem à condução dos destinos sociais, culturais e políticos da(s) comunidade(s) de que participa, sempre com a capacidade de realizar

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

uma leitura crítica do seu entorno. Para tanto, Semiótica e Filosofia devem estar na ordem do dia dos estudos e pesquisas, para que paulatinamente se vá construindo um entendimento cada vez mais apropriado desse mundo plural e sob a interferência de metas globalizantes que precisam neutralizar as diferenças, contudo, não podem em hipótese alguma apagá-las.

Na vanguarda das reflexões, abre-se a discussão entre os contatos indispensáveis e às vezes impensáveis entre as ciências, as descobertas, o conhecimento humano em geral e a construção de melhores dias para a humanidade.

BATATAS DO CARIBE UMA BATALHA PELOS TESOUROS DA HORTIFRUTI Aqui e netureze é e estrelo (HORTIFRUTI)



Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

TEORIA DA ICONICIDADE VERBAL

COMPONDO O CENÁRIO.

Estudos e pesquisas contemporâneos voltados para o ensino da língua portuguesa têm promovido uma integração dialógica entre áreas, com vista não só ao aprofundamento da análise do sistema linguístico e de sua potencialidade estrutural, mas também à combinação de dados extraídos de áreas afins que participam dos processos discursivo-comunicativos. Estes, por sua vez, emoldurados pelos recursos digitais, vêm abrindo novas discussões em relação ao texto e à leitura. Essas discussões destacam a relevância da preparação dos sujeitos para interagir com múltiplos códigos, uma vez que a hegemonia do verbal de há muito foi quebrada pela intervenção da imagem.

Para recordar, veja-se o que disse Eduardo Neiva em **A imagem** (1986, p. 76):

O prestígio da imagem significa que substituímos a experiência por representações. "Na era da Revolução Gráfica, com muita naturalidade preferese uma sombra de uma sombra a uma sombra original." Um objeto é

³ BOORSTIN, Daniel J. The image: a guide to pseudo-events in America. New York, Harper & Row, 1964.

simplesmente insubstituível por um outro de valor representativo. Com igual satisfação troca-se o representante pelo representado, a vida aqui experimentada pela experiência da contemplação panorâmica e até mesmo por cartõespostais. Estamos no século das representações, numa sociedade pósindustrial que é capaz de preferir o acúmulo de informações à produção de objetos em série.

Como é possível notar, a pintura, a fotografia e o cinema foram desenhando um cenário sociocultural que promoveu uma mudança de comportamento que tem valor relevante no planejamento de programas de ensino. Em especial no âmbito das *linguagens*, *códigos e suas tecnologias* – que hoje constitui uma área inscrita nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Portanto, ensinar a língua para a autonomia da expressão e da comunicação demanda ter em conta a indiscutível influência da imagem.

A imagem fixa da pintura e da fotografia e a imagem em movimento do cinema e da televisão constituem parâmetros de observação multidimensional, uma vez que os signos que constituem tais linguagens são de diversas naturezas. Qualidades como forma, cor, tamanho, posição etc. passam a ser referências nos

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

processos de leitura e produção de textos, uma vez que o texto já transbordara do espaço meramente verbal, para o espaço multissígnico e multimídia. Por isso, o planejamento de ensino na contemporaneidade tem de agregar aos conteúdos tradicionais componentes novos que exigem um trabalho de intercâmbio entre os diversos campos do saber humano, porque a matriz sociocultural hodierna é inter, multi e transdisciplinar.

O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE E DA TRANSDISCIPLINA-RIDADE

Um notável estudioso francês tornou-se fonte inspiradora de muitas reflexões sobre o andamento dos estudos e das pesquisas assim como seu impacto nas práticas didáticas. Chama-se ao texto um fragmento da matéria "O desafio da complexidade e da transdisciplinaridade, entrevista com Edgar Morin" (A reportagem e a entrevista são do jornal *La Repubblica*, 25-04-2008. Ver *link* em *Fontes Digitais*). Veja-se o excerto:

(...) Enfim, a realidade é complexa e cheia de contradições que são um verdadeiro desafio para o conhecimento. Para afrontar tal complexidade, não basta simplesmente justapor fragmentos de saberes diversos. É preciso encontrar o modo de integrá-los no interior de uma nova prospectiva.

É o que o senhor fez no Método?

Realmente, busquei elaborar alguns princípios de tal modo que fosse possível colocar em relação aqueles conhecimentos que os instrumentos tradicionais do conhecimento não conseguem coligar.(...)

Essa fala de Morin serve de suporte a uma atitude que vimos difundindo, há algum tempo, nas pesquisas que realizamos ou orientamos. Temos buscado a correlação entre achados primeiros e novas propostas, com a meta de articular os saberes de forma a coligá-los, promovendo assim processos continuados de discussão e aperfeiçoamento das descobertas.

O advento da informática e seus impactos no âmbito educacional também são dados relevantes para a reformulação do paradigma no planejamento curricular e de ensino, em especial. Concordando com Zaramello (2007, p. 134), vê-se a educação tornar-se uma tarefa mais complexa. Não mais basta educar o homem para atuar em seu entorno, é preciso instrumentá-lo para o mundo do qual participará. A nova moldura social implica a estimulação de todos os sentidos e inteligências. Nessa perspectiva, a abstração, a correlação de conhecimentos e a seleção de informações ganham destaque. Com isso vê-se a relevância da informação na contemporaneidade. Por conseguinte, é

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

preciso incrementar a leitura multitemática, sobretudo explorando a Internet como fonte, a partir da qual se devem promover leituras mais aprofundadas.

Entende-se por paradigma da complexidade e da transdisciplinaridade o trânsito obrigatório por entre as diversas áreas do saber. Os dados se mostram assim entrecruzados e exigem um potencial de leitura mais amplo. Por meio desta, os indivíduos devem ganhar informações e instruções com que possam explorar mundos particulares – das ciências naturais, das humanas, das sociais, das exatas. Nas ciências obter elementos que não só enriqueçam sua experiência imediata, mas também construam a base aperceptiva para o desenvolvimento de sua competência intelectual, abrindo as portas para sua formação cultural e profissional.

SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA: CIÊNCIAS COMPLEMENTARES

Considerada a amplitude das ciências aplicáveis ao estudo da comunicação e da expressão, verifica-se que a Linguística e seu objeto – a linguagem humana verbal – não são mais suficientes à preparação dos sujeitos para a leitura e para a produção de textos. Outros códigos e outras linguagens interagem no ambiente dos textos, exigindo dos indivíduos competências

não apenas verbais, mas multissígnicas. Assim sendo, a Semiótica ganha relevo e se associa à Linguística na formação de um sujeito competente para o enfrentamento de textos construídos com signos de natureza variada e que, por isso, exigem o aguçamento de todas as antenas sensoriais, quais sejam, o sentidos biológicos humanos: visão, audição, tato, olfato e paladar. O modelo contemporâneo de texto oferecido em meios digitais é, no mínimo, audiovisual. A sinestesia é a grande qualidade dos textos disponíveis para leitura.

Sendo a Linguística um tipo específico de Semiótica, a parceria entre estas ciências é uma consequência natural. Portanto, a formulação de programas e projetos de pesquisa não pode distanciar-se dessa parceria: Linguística e Semiótica devem subsidiar a produção de ciência na atualidade.

O TRABALHO DO SELEPROT

Sob a liderança de Darcilia Simões (UERJ) e Nícia Ribas d'Ávila (UNIMAR - SP), foi criado o grupo de pesquisa com o nome de *Semiótica, Leitura e Produção de Textos* — SELEPROT — durante o Censo 2002 do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil do CNPq. A criação do grupo pautou-se nas seguintes premissas: a) a importância dos estudos semióticos na atualidade

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

e b) a relevância dada aos estudos semióticos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o que implica a especialização de profissionais no âmbito das linguagens em geral e incita o desenvolvimento de pesquisas relacionadas às Letras, em especial.

Em contraponto, a inclusão de subsídios semióticos nos currículos escolares e de disciplinas de Semiótica nos cursos de graduação documenta a necessidade de preparação de recursos humanos especializados em estudos semióticos. Isto também se justifica pela necessidade de inserção de modelos de análise semiótica (sincrética ou não) nos espaços de leitura e produção textual (verbais e não-verbais). A hipótese de que o mundo é um construto semiótico e de que tudo que nos rodeia é convolável em signo, portanto, sujeito a semioses múltiplas ou mesmo infinitas (Peirce, Nöth, Santaella, Plaza, Simões etc.) impõe não só o aprofundamento teórico para suporte das interpretações científicas produzidas pelos especialistas, mas também a preparação de leitores capazes de interpretações mais profundas dos textos-objeto que se lhes apresentem, para que se tornem leitores críticos não somente sujeitos à absorção da opinião "predominante no mercado da instrução e da informação" (destacando-se a escola e a mídia). Além disso, é necessário realçar que os lei-

tores semióticos (cf. Eco, Simões, etc.) desenvolverão, por consequência, habilidades de produção textual, que poderão influir no cenário sociocultural hodierno, promovendo a discussão do sistema e o aperfeiçoamento deste em prol de melhores dias para a sociedade

Nesta perspectiva, vimos discutindo a legibilidade textual segundo a natureza do texto e as marcas expressivas (icônicas) e impressivas (indiciais) manifestas, sobretudo na seleção das imagens oriundas da combinação de signos verbais e não-verbais. Aliamos assim os estudos linguísticos aos semióticos tomando o texto verbal como signo sensível à audição ou à visão, por apresentar características correlatas às detectáveis nos textos ditos não-verbais.

No âmbito linguístico, as unidades lexicais tomadas como objeto de uma investigação relativa à forma e ao conteúdo fazem emergir valores de natureza semiótica e semântica. Esta vai cuidar das significações construídas e correntes no universo de um sistema linguístico; aquela vai tratar do processo de produção de sentido a partir da análise das funções-valores que os signos eleitos pelo produtor do texto adquirem na trama textual. A função lexicológico-semiótica faz

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

das palavras (signos atualizados em contextos frasais) signos evocadores de imagens, impregna-as de conceitos (emergentes da cultura em que se inserem) por meio dos quais o redator tenta estimular a imaginação do leitor. A mente interpretadora se tornará tanto mais capaz de produzir imagens — sob o estímulo do texto — quanto mais icônicos ou indiciais forem os signos com que é tecido o texto, pois, a semiose é um processo de produção de significados. O sentido é a resultante da interpretação de um significado emergente da estrutura textual e contextual de que participa, e o leitor (ou intérprete) procura desvelar um sentido que estabeleça a comunicação entre ele (leitor, co-autor) e o autor primeiro do texto.

Tendo em conta que os estudos da cognição vêm ganhando relevo, principalmente em função das mudanças aceleradas dos processos semióticos, vemos na Semiótica de extração peirciana uma contribuição relevante. A partir da relação entre signo e objeto (ícone, índice e símbolo), vimos desenvolvendo a **Teoria da Iconicidade Verbal**. Esta tem como objetivo maior subsidiar o entendimento da semiose textual e das consequências semióticas derivadas da interação entre sujeito e texto, sob as interferências do contexto de produção da interlocução.

Nessa linha de raciocínio, trouxemos as contribuições da Semiótica de Peirce (1839-1914) para o âmbito dos estudos linguísticos, com vistas a aprofundar as possíveis relações entre categorias, classes, funções gramaticais e processos cognitivos. A Semiótica norteamericana tem sido fonte prodigiosa para subsidiar a análise e produção de processos de aperfeiçoamento e reeducação dos mecanismos de percepção dos signos. Considerando que os esquemas mentais acionados para interpretação de textos - independentemente da natureza do signo que o compõem (SIMÕES, 1994 e 2003) - são transferíveis; e operando com signos verbais e não-verbais temos conseguido construir modelos facilitadores da leitura e da produção de textos. O entendimento da trama gramatical (SIMÕES, 2000b), a partir da educação do raciocínio lógico e da exploração de objetos visuais ou auditivos tomados como textos (SIMÕES, 2000c), vem produzindo resultados positivos já documentados não só em dissertações e teses defendidas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERI), sede de nossas investigações e orientações. O mesmo ocorre na produção técnico-teórica dos membros do Grupo de Pesquisa Semiótica, Leitura e Produção de Textos4 (SELEPROT).

4 Grupo criado em 2002.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

A base do construto teórico é a iconicidade. Entendemos que o domínio da iconicidade facilita a depreensão dos mecanismos e relações que estruturam os signos (SIMÕES & ABREU, 1999 e 2004) e garantem a compreensão do texto. Por isso, os projetos de pesquisa, que arriscaram a aplicação da Teoria da Iconicidade Verbal, conseguiram demonstrar sua eficiência ao recortarem o objeto-texto sob várias perspectivas e verificar o quanto dialogam os processos cognitivos e a estruturação textual; e até que ponto é possível identificar nos textos marcas que permitam de alguma forma inferir o(s) projeto(s) comunicativo(s) subjacentes. Diz-se projeto ou projetos porque os textos polissêmicos permitirão a captura de várias matrizes interpretativas, ressalvados os limites da trama sígnica que compõe o texto. Para nós, o texto é uma unidade comunicativa, cuja análise demanda domínio gramatical (considerada a variação linguística), estilístico (tendo em conta os gêneros textuais e a variação linguística) e semântico-pragmático (observando a contextualização das interlocuções).

POR QUE PEIRCE?

Primeiramente é importante lembrar que Peirce não se ocupou do signo verbal, senão da construção de uma teoria universal que abrigasse signos de qualquer natureza. Sua atuação na Filosofia, na Matemática, e em várias outras ciências, alimentou sua obstinação por produzir uma teoria o mais abrangente possível.

A tese fundamental de Peirce nos primeiros escritos, *Questions Concerning Certain Faculties Claimed for Man e Some Consequences of Four Incapacities*, é de que "todo o pensamento está nos signos" e, portanto, de que a Semiótica tem uma aplicação universal. Tudo pode ser um signo, bastando para isso que entre num processo de semiose, no processo de que algo está por algo para alguém.

Leiamos o que consta dos Collected Papers (§3. Thought-Signs - 283):

(...) qualquer coisa que se nos apresenta é a manifestação de um fenômeno em si mesmo. Isso não pode evitar que ele seja um fenômeno independentemente de nós, assim como um arco-íris é, por sua vez, a manifestação simultânea do sol e da chuva.

Quando pensamos, então, nós mesmos, assim como somos naquele momento,

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

aparecemos como um signo. Assim um signo tem, como tal, três referências: primeira, é signo para algum pensamento que o interprete; segunda, é signo de algum objeto ao qual equivale em uma mente; terceira, é um signo, em alguma circunstância ou qualidade, que o relaciona com seu objeto. [tradução livre] ⁵

Diferentemente de Saussure, para Peirce, um signo pode ser qualquer coisa, não necessariamente uma palavra escrita ou pronunciada. Na Semiótica de Peirce, não é a linguística que se estende para abarcar outros tipos de códigos; é a Semiótica que estuda todos os demais sistemas de signos, inclusive os linguísticos. Por isso, tenta-se dar ao signo verbal escrito um tratamento assemelhado ao que se dá a qualquer signo visual, ainda que ressalvadas as diferenças decorrentes da máxima convencionalidade do signo verbal.

Veja-se o que diz Fidalgo sobre as palavras:

⁵ Texto original: (...) everything which is present to us is a phenomenal manifestation of ourselves. This does not prevent its being a phenomenon of something without us, just as a rainbow is at once a manifestation both of the sun and of the rain. When we think, then, we ourselves, as we are at that moment, appear as a sign. Now a sign has, as such, three references: first, it is a sign to some thought which interprets it; second, it is a sign for some object to which in that thought it is equivalent; third, it is a sign, in some respect or quality, which brings it into connection with its object.

Que uma palavra possa ser um sinal, parece claro. Para designar esses casos até existe um termo próprio, o termo de senha. Não há dúvida que certas palavras ditas em determinadas ocasiões, são sinais no sentido apurado atrás. Essas palavras são consideradas palavras-chave e o seu significado é estabelecido por um código. [Fidalgo - Web 2]

Fidalgo diz ainda que:

A acepção das palavras como sinais representa um considerável alargamento do universo dos sinais. Contudo, mesmo assim, o universo dos sinais ainda é maior. É que a definição de sinal "algo que está por algo para alguém" estabelece o sinal como algo formal, donde tudo aquilo que, não importa o quê, está por uma outra coisa é, por isso mesmo, um sinal. Assim, será sinal tudo aquilo pelo qual alguém se dá conta de uma outra coisa. [Fidalgo -Web 2]

Veja-se como Peirce [1894] (apud Uxía Rivas,1999) categoriza os signos em relação ao que representam.

Há três classes de signos. Em primeiro lugar, há semelhanças ou ícones; que servem para transmitir idéias das coisas que representam simplesmente imitando-as. Em segundo lugar, há indicações ou índices; que mostram algo sobre as coisas

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

por estar fisicamente conectados com elas. (...) Em terceiro lugar, há símbolos, ou signos gerais, que foram associados com seu significado pelo uso. Tais são a maior parte das palavras, e as frases, e o discurso, e os livros, e as bibliotecas. [tradução livre]⁶

Vimos então um terreno fértil nesse universo sígnico disponível e entramos a examinar até que ponto a Semiótica lógico-filosófica do autor de *Collected Papers* poderia contribuir para um melhor entendimento do signo linguístico.

Essa curiosidade já teria atingido a grande intérprete nacional de Peirce. Lucia Santaella (1996) produziu uma proposta de classificação da linguagem escrita e dirigiu suas lucubrações para o modo de organização do texto e teceu importantes instruções para uma observação semiótica dos processos, narrativo, descritivo e dissertativo. No entanto, a pesquisadora encerra o capítulo "Por uma classificação da lingua-

⁶ Texto original da tradução espanhola: Hay tres clases de signos. En primer lugar, hay semejanzas o iconos; que sirven para transmitir ideas de las cosas que representan simplemente imitándolas. En segundo lugar, hay indicaciones o índices; que muestran algo sobre las cosas por estar físicamente conectados con ellas. (...) En tercer lugar, hay símbolos, o signos generales, que han sido asociados con su significado por el uso. Tales son la mayor parte de las palabras, y las frases, y el discurso, y los libros, y las bibliotecas.

gem escrita" apresentando-o como sugestão ou proposta para outros estudos. Transcrevemos:

Ficam aí propostas e sugestões para pesquisas futuras, principalmente quando nos alertamos para o fato de que cada um dos tipos de discursos possíveis pode se atualizar diferentemente de acordo com as seis funções da linguagem formuladas por Roman Jakobson. Isso permite um jogo combinatório ainda mais diversificado e complexo das probabilidades de ocorrência da linguagem verbal escrita. (SANTAELLA, 1996 p. 206)

Isto posto, verificou-se que havia uma imensidade de perguntas a responder no que tange ao signo verbal em geral. Era preciso recuar na observação do signo linguístico, olhando-o como substância sonora ou gráfica para depois investigar seu funcionamento no interior dos textos. Como nossa pesquisa teve início ao trabalhar com alfabetização, fomos levados a analisar as dificuldades de alguns alunos no processo de aquisição da escrita. Percebida a relevância do trabalho com imagens a partir da utilização de livros de literatura para crianças, em especial pelos livros sem legenda (sem texto verbal), iniciamos nossa investigação quanto à força icônica dos signos em geral e do verbal, em especial.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

A relevância da iconicidade se manifestou a partir da observação do raciocínio das crianças em processo de letramento, as quais buscavam sempre algum tipo de analogia entre o que se fala e o que se escreve, e entre a escrita e o desenho. Nesse ponto do trabalho, deflagrou-se a relevância do signo icônico em nossa pesquisa.

POR QUE UMA TEORIA DA ICONICIDADE VERBAL?

Antes de tudo é preciso frisar que, como a construção dessa teoria é paulatina, os leitores encontrarão mesclados neste texto, trechos de outros ensaios e artigos, pois não tivemos pejo em reutilizá-los por considerá-los bastante claros e supor que parafraseá-los poderia diminuir-lhes a objetividade.

A produção de uma **Teoria da Iconicidade Verbal** surgiu da necessidade de criar-se uma base teórica, que observasse o signo em sua materialidade (sonora ou visual). A atenção para a materialidade do signo surge quando se considera a mediação da interação comunicativa. Seja oralmente, seja por escrito, dáse uma materialização de signos. Cremos na premissa de que qualquer signo se funda a partir de uma imagem mental de algo. Essa imagem primeira é um ícone. Dela se toma conhecimento por intermédio de sua

representação por um ícone de segunda (hipoícone) que busca re(a)presentar o objeto pensado por uma sinal material sonoro (na fala) ou gráfico (na escrita). Disso é possível deduzir que temos por premissa que o ícone é fonte primária do signo. Prova disso está na própria origem da comunicação humana, uma vez que as primeiras linguagens humanas fundaram-se na imagem.

Hieróglifos, pictogramas, ideogramas são objetos imagéticos que se prestam à produção de textos e à transmissão de mensagens. A origem da escrita já foi por nós abordada em nossa tese doutoral (SIMÕES [1994⁷]2009), da qual se transcreve um trecho:

A imagem é um modo de expressão; é um código visual. Estudar imagens é adentrar pelo mundo dos signos, em geral, e dos ícones, em especial. A era do computador anuncia e predetermina a crescente comunicabilidade do signo icônico. E a história das imagens parece coincidir com a história da humanidade. As inscrições nas cavernas documentam a comunicação simbólica do homem por meio de um

código pictorial, icônico. Segundo Kato (1990: 7), a origem da escrita foi o pictograma ([Do lat. pictus, part. de pingere, 'pintar', + -o- + - grama.] S. m. 1.Qualquer signo utilizado em pictografia [Aurélio, s.u.]).

É possível, assim, perceber a relevância da imagem e, por conseguinte, da iconicidade na trajetória da comunicação e expressão humanas. "O iconismo da imagem assenta-se em relações de analogia ou similaridade com o seu referente (ideia-objeto representada). Segundo a Semiótica visual, a imagem é uma manifestação auto-suficiente, é um texto porque comunica uma mensagem" (SIMÕES, *id*.). Vale acrescentar que enfatizamos o signo visual por termos por objeto formal o texto verbal escrito. Contudo, toda a abordagem da materialidade plástica do signo pode ser estendida ao texto verbal oral, em que o signo é então um sonoro.

Enfatizando que nosso objeto de estudo (e trabalho) é a produção textual escrita, chamamos ao texto palavras de alguém que se dedicou com afinco ao ensino da comunicação verbal:

> A experiência nos ensina que as falhas mais graves das redações dos nossos colegiais resultam menos das incorreções gramaticais do que da falta de idéia ou da

⁷ A tese O livro-sem-legenda e a redação, defendida em 1994 na UFRJ, teve uma edição em livro (2003), uma edição em CD (2006) e agora é reeditada em edição online gratuita com o título Semiótica & ensino: uma proposta. Alfabetização pela imagem. (vide referências)

sua má concatenação. Escreve realmente mal o estudante que não tem o que dizer porque não aprendeu a pôr em ordem seu pensamento, e porque não tem o que dizer, não lhe bastam as regrinhas gramaticais, nem mesmo o melhor vocabulário de que possa dispor. Portanto, é preciso fornecer-lhe os meios de disciplinar o raciocínio, de estimular-lhe o espírito de observação dos fatos e ensiná-lo a criar ou aprovisionar idéias: ensinar, enfim, a pensar. (GARCIA, op.cit, p. 291)

As palavras de Garcia servem de estímulo à consideração da importância da iconicidade. Quando fala da falta de ideias, evoca sub-repticiamente a inexistência de imagens inspiradoras para a produção dos textos. Quando fala da insuficiência dos domínios gramatical e vocabular também estará tratando de ausência de imagens que deveriam ser "desenhadas" pelas palavras, concatenadas em enunciados, frases, períodos, parágrafos etc. Quando fala da necessidade de desenvolvimento do espírito de observação dos fatos, chama à cena o comportamento científico, a partir do qual se busca compreender o mundo e dele o sujeito formará imagens mentais com que irá construindo sua cosmovisão.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Vejamos o que diz Eco sobre a inserção dos sujeitos em um mundo particular que lhes orienta a interpretação:

Cada ser humano vive dentro de um certo modelo cultural e interpreta a experiência com base no mundo de formas assuntivas que adquiriu: a estabilidade desse mundo é essencial para que possa mover-se razoavelmente em meio às provocações contínuas do ambiente e organizar as propostas constituídas pelos eventos externos em um conjunto de experiências orgânicas. (ECO, 1969 p. 142.

A importância do conhecimento dessa contextualização do homem e dos signos é que, sem isso, a interpretação seria algo infinito, ilimitado e, por conseguinte, indisponível a qualquer avaliação.

É ainda Eco quem diz que

a noção de uma semiótica ilimitada não leva à conclusão de que a interpretação não tem critérios. Dizer que a interpretação (enquanto característica básica da semiótica) é potencialmente ilimitada não significa que a interpretação não tenha objeto e que corra por conta própria. (ECO, [1992]2001 p. 28)

Assim sendo referenda-se a indispensabilidade de um tratamento icônico do texto e de seus estrutu-

rantes, no sentido de ser o texto escrito uma imagem visual que poderia documentar os mecanismos utilizados na organização verbal-material do raciocínio. Nesta organização, estarão incluídas a diagramação paradigmática, sintagmática e imagética a um só tempo; e estas, a seu turno, seriam emergentes das imagens mentais ativadas quando da produção do texto e ativáveis durante a leitura. Tanto mais icônico será o texto, quanto mais fácil de formular-se-lhe um sentido, independentemente das condições de verdade ou falsidade; considerando-se apenas o potencial de verossimilhanca.

Há várias posições teóricas sobre iconicidade. Interessa-nos a iconicidade projetada sobre o verbal, onde se vê destacada a iconicidade diagramática. Diferentemente do construto saussuriano, o enfoque paradigmático e sintagmático no eixo semiótico reporta-se às relações simbólicas possíveis extraídas da superfície textual e que servem de indutores da interpretação. Não se levam em conta aqui as relações em presença e em ausência tão relevantes para o pesquisador genebrino. Na perspectiva semiótica aqui adotada, os signos produzem sua semiose a partir da relação imediata emergente de sua participação nos textos. Não se desprezem as inferências, ilações, implicaturas etc., mas a

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

produção do signo interpretador do signo interpretado brota do signo em contexto, uma vez que tudo pode ser signo de tudo (cf. SIMÕES, 2007 p.42).

E mais. Signo é tudo o que possa ser conhecido, tudo o que é reconhecível. Mas, para que um signo potencial possa atuar como signo, deve estar relacionado com um objeto, deve ser interpretado e produzir um interpretante na mente do sujeito implicado. Este processo interpretativo é denominado semiose. E a iconicidade que se ressalta neste estudo é a potencialidade de materializar nas mentes interpretadoras signos-referência, que deflagrem o processo interpretativo independentemente do código em uso. (SIMÕES *ibidem*)

Destarte, o edifício da **Teoria da Iconicidade Verbal** parte das seguintes premissas:

- 1. O signo verbal é uma imagem (sonora ou visual);
- 2. A seleção e a combinação produzem a iconicidade textual no nível diagramático;
- 3. O projeto comunicativo funda-se na verossimilhança e visa à eficácia textual;
- 4. O texto deve também ser analisado em seus atributos plásticos;

- A eficiência do projeto de dizer é a comunicação de uma mensagem verdadeira ou falaciosa;
- Há intima relação entre a iconicidade da imagem textual e a cognição e
- As imagens textuais ativam imagens mentais (espaços cognitivos) que deflagram raciocínios.

Cumpre então explicitar o caminho teórico em evolução, buscando avançar a cada dia no entendimento e na descrição do signo verbal na expressão do pensamento.

DE QUE ICONICIDADE FALAMOS?

Entendemos que a compreensão de textos procede de uma negociação entre imagens mentais construídas por um enunciador e reconstruídas por um coenunciador (leitor ou intérprete). Tais imagens são traduzidas em signos verbais e não-verbais combinados na cadeia falada (quando o texto é oral) e na folha de papel (no caso do texto escrito). Essa produção sígnica constrói uma entidade plástica (sonora ou visual) cuja imagem pode ser identificada por interlocutores dotados de competências e habilidades de enfrentamento do signo e de captura de suas funções e valores.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Na tríade *ícone, índice e símbolo,* funções e valores emergem de sua potencialidade expressivo-sugestiva.

Tanto a enunciação quanto a co-enunciação refletem mundos particulares mediados (no caso do texto linguístico) pelo código verbal. Para nós, a *plasticidade* textual é referência de *iconicidade* e pode funcionar como base para a condução do intérprete à mensagem básica inscrita no texto.

A despeito da absoluta arbitrariedade apregoada pelos estruturalistas, as bases funcionalistas vêm fortalecendo passo a passo a existência de iconicidade nas gramáticas das línguas, demonstrando a existência de uma correlação um-a-um entre forma e interpretação semântico-pragmática pautada numa motivação funcional imanente aos aspectos estruturais observados

Para melhor entender-se tal perspectiva, cumpre explicitar o que é iconicidade. Trata-se de uma propriedade semiótica fundada na plasticidade — propriedade da matéria de adquirir formas sensíveis por efeito de uma força exterior (SIMÕES, [1994]2009). Tal atributo pode ser estendido ao plano abstrato, uma vez que a capacidade cognitiva humana confere à faculdade da imaginação a condição de uma fábrica de

imagens de entes e seres reais ou fictícios. Nesta linha de raciocínio, torna-se possível aplicar a iconicidade em níveis concretos e abstratos. No nível concreto, verificam-se as iconicidade diagramáticas — sintagmáticas e paradigmáticas; no nível abstrato, observam-se as modalidades imagética e metafórica. As primeiras se nos dizem concretas uma vez que tomam por baliza os sistemas sígnicos dos quais resultam. No plano linguístico, dicionários e gramáticas atuam como reguladores dessa relação concreta. Já as últimas serão resultantes de operações subjetivas, uma vez que decorrem de interpretações individuais (mesmo os interpretantes coletivos são individuados em função das culturas que representam), seja no plano icônico-indicial da imagem, seja no plano icônico-simbólico da metáfora.

Em palavras simples, o ícone é uma representação plástica, modelar (por similaridade), de uma ideia ou ideologia; ao passo que o índice é um signo vetorial que conduz o raciocínio a uma interpretação por contiguidade. De sua parte, o símbolo é uma manifestação sígnica que generaliza uma apreensão-interpretação, transformando o signo em referência ecossistêmica e, algumas vezes, pansistêmica (capacidade de sobreporse a sistemas diversos). Do ponto de vista da análise verbal, a iconicidade pode ser observada não só no

plano da estruturação gramatical, mas também num plano maior, mais abrangente, da trama textual. É observável: a seleção vocabular como representativa de usos e costumes diversos; a colocação dos termos nos enunciados como imagem das opções de enfoque ou das posições discursivas; a eleição do gênero e do tipo textual como indicador da relevância dos itens temáticos e lexicais contemplados no texto, etc. Também o projeto do texto, sua arquitetura visual ou sonora, é material icônico a ser observado.

Desde a década de 1990, vimos trabalhando no edifício teórico da iconicidade verbal, cuja primeira apresentação foi em "A iconicidade, a leitura e o projeto do texto" (SIMÕES & DUTRA, 2002). Nessa oportunidade, pudemos mostrar as primeiras ideias sobre a iconicidade, o que foi aperfeiçoado em "Semiótica, leitura e produção de textos: alternativas metodológicas" (SIMÕES, 2004). Veja-se a descrição do construto a seguir.

As funções da linguagem propostas no funcionalismo hallidiano participam da construção da iconi-

⁸ SIMÕES, Darcilia & DUTRA, Vania R. "A iconicidade, a leitura e o projeto do texto". Comunicação no Congresso Venezuelano de Semiótica (Maracaibo, VEN), 2002. Posteriormente publicado em Linguagem & Ensino. v.7, p.37 - 64, 2004.

cidade. Isto porque o processo de comunicação sofre interveniências do enquadre do texto (materialização do discurso) no contexto de produção e no contexto de apresentação. Cumpre ressaltar que Simões propõe uma distinção entre contexto de produção e contexto de apresentação. Aquele, já tratado por vários estudiosos (Van Dijk, Koch, Sautchuk etc.), opera com as variáveis que atuam durante a composição do enunciado; já o contexto de apresentação é o cenário que emoldura o ato de fala (hic et nunc). (cf. SIMÕES & GARCIA, 2008)

Geraldi (1997: 167) assevera que o texto se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Logo, a atividade de leitura é uma co-produção textual que precisa ser negociada entre os "parceiros" (autor/enunciador leitor/enunciatário/co-autor). Tal negociação é deflagrada pelas marcações linguístico-icônicas que se apresentam ao leitor como elementos mapeadores do texto, uma vez que revelam a organização das microestruturas que se combinam e constroem o tecido textual; ao mesmo tempo que ativariam esquemas mentais indispensáveis à captação dos possíveis referenci-

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

ais do enunciador, associando-os (ou não) aos referenciais do leitor, construindo o que se costuma denominar como conhecimento compartilhado (conjunto de proposições — memória semântica — que são aceitas tanto por falante quanto por ouvinte [cf. MOURA, 2000:17 e BONINI, 2002: 35]).

Entendemos que as pistas linguísticas existentes (ícones e índices) na superfície textual levam o leitor às diferentes leituras. A concatenação de ideias num texto não depende exclusivamente da seleção lexical e dos conectores gramaticais (conjunções, preposições, pronomes relativos, advérbios etc.), mas também dos processos e mecanismos sintáticos por meio do que se elaboram as frases.

Tratamos então de determinar vários níveis em que se pode buscar a iconicidade, a saber: 1 – diagramática; 2 – lexical; 3 – isotópica; 4 - alta ou baixa iconicidade; 5 - eleição de signos orientadores ou desorientadores. Passemos então ao estudo desses níveis ou tipos de iconicidade.

NÍVEIS OU TIPOS DE ICONICIDADE

Na busca da plasticidade, fala-se de *níveis ou ti*pos de iconicidade. Isto é consequência de ser o ícone o

modelo mais primitivo de signo, que se constrói a partir das similaridades e que busca reapresentar no *objeto-significante* as qualidades do *objeto-mental-referente*. Mesmo sendo produto da elaboração individual, o ícone (degenerado, de segunda ou hipoícone) guarda traços primários do objeto imediato que pretende representar. Por isso, a iconicidade se nos apresenta como caminho mais primitivo para o enfrentamento textual, como se seguíssemos pegadas (signos naturais) que nos levariam às mensagens inscritas nos textos (signos culturais, artificiais, convencionais).

Segundo Sautchuk (2003), a enunciação é produzida dialogicamente, porque dois sujeitos interagem durante essa produção. O enunciador se desdobra em um *eu-enunciante* e um *eu-leitor-interno*; o primeiro tenta materializar seu projeto de comunicação formulando o texto; o segundo atua como um *alter ego* (*leitor co-autor ou leitor interno* - cf. Sautchuk) que simula um leitor que discute o texto durante sua produção.

Lançando mão da ideia da autora em referência, retomamos a noção da iconicidade indispensável à legibilidade do texto e avançamos na direção de um processo de filtragem de imagens, por parte do dito leitor interno. Este processo se destinaria a controlar a

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

estruturação textual, com vistas a refletir (talvez de modo inconsciente) sobre a inscrição de pistas sígnicas que viabilizem a ativação de espaços mentais específicos, tentando assim direcionar o raciocínio do leitor externo (destinatário potencial). A partir desse diálogo interior (do eu bifurcado em enunciador e leitor interno), a produção textual passaria por instâncias de avaliação mediante os seguintes quesitos: a) o texto é referencial; b) a variedade linguística é a padrão, culta; c) o projeto comunicativo é de veracidade ou de falsidade; d) em caso de veracidade, deve pautar-se na denotação; e) em caso de falsidade, deve pautar-se na conotação; f) na falsidade, a conotação deve simular denotação; g) as imagens diagramáticas na microestrutura devem privilegiar a ordem lógica (direta); h) as imagens paradigmáticas na macroestrutura (escolha de formas lexicais e gramaticais, ou mesmo os modos e tempos verbais) devem propiciar analogias; i) as imagens metafóricas devem aproximar-se do senso comum, com vistas a não dificultar a leitura. Com esta seleção de traços, supomos poder formular esquemas de avaliação textual em que seja possível identificar desvios decorrentes de imperícia expressional ou, ao contrário, de astúcia redacional.

1 – ICONICIDADE DIAGRAMÁTICA

Qualidade atinente ao projeto visual ou sonoro do texto e à estruturação dos sintagmas.

A produção imagética se desenrola conforme o projeto de raciocínio. Pode ser dedutiva ou indutiva. Esta vai reunindo um a um os signos de que se constitui o texto de modo a compor o seu significado global; enquanto aquela parte do todo do texto e tenta decompô-lo em partes menores que possam referendar a ideia global que lhe fora atribuída.

A semiose do significado (ou mensagem) do texto é facilitada por essas estratégias da cognição, a qual, por sua vez, apoia-se nas marcas formais com que se manifesta o texto. Quando oral, a entonação e os acentos produzem a iconicidade diagramática e conduzem o interlocutor na produção da semiose, que é a dedução ou indução dos significados ativados pelo enunciador, da qual nasce o sentido do texto. Quando escrita, a iconicidade diagramática se manifesta em mais de um nível: (1) gráfico ou do design textual (que consiste na distribuição dos signos na folha de papel) e (2) sintagmática e paradigmática (que opera nos eixos de seleção e combinação dos signos, conforme propusera Saussure no Curso de Linguística Geral (1910-1913).

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Sumarizando, a iconicidade diagramática constrói a similaridade entre o signo e o objeto imediato de modo estrutural ou relacional, algo como uma correspondência entre uma "ordem natural das proposições" e a ordem dos eventos a que representam.

Entendemos que a iconicidade diagramática verbal se funda originalmente a partir das escolhas léxicas do enunciador para a produção de seu texto; e estas, a seu turno, seriam provocadas pelo elemento deflagrador da produção: um comando formal (tarefa escolar, questão de prova, etc.) ou um estímulo informal (intenção de falar de algo, tema provocador, etc.). A nosso ver, a iconicidade será tão mais eficiente (no que concerne à representação de seu objeto) quanto mais adequada for a seleção de itens léxicos (palavras e expressões) por parte do enunciador.

Os estudos da iconicidade que vimos produzindo têm operado com textos verbais, não-verbais e mistos (verbal e não-verbal combinados). Categorias como espaço, tempo e noção são representadas no texto pictorial e são depreensíveis pelos leitores, desde que lhes permitam analisar com tempo razoável a organização das imagens que constroem o texto imagético. As ideias de espaço e tempo são sugeridas pela or-

denação das imagens, pela linearidade da apresentação de cenas, objetos ou fenômenos.

A iconicidade material no texto escrito se mostra, por exemplo, na distribuição do conteúdo textual em parágrafos; a apresentação do texto por um título e das porções ou seções internas do texto por subtítulos. O uso de maiúsculas, de capitulares etc. Os recursos gráficos como itálico, negrito, os travessões, parênteses, colchetes, aspas etc. constituem material constitutivo da plasticidade material, objetiva, do texto.

ICONICIDADE DIAGRAMÁTICA NO PROJETO VISUAL⁹ DO TEXTO

Entende-se que a diagramação do texto — distribuição das ideias nos parágrafos, distribuição destes na página etc. — servem de pistas de leitura. Numa configuração genérica baseada na orientação ocidental da leitura — de cima para baixo e da esquerda para a direita — verifica-se forte tendência à organização diagonal dos signos mais relevantes na tessitura textual. Observado o texto como imagem visual sensível, verificar-se-á que o movimento dos olhos, via de regra, é conduzido numa linha diagonal da extrema esquerda

superior para a extrema direita inferior. Observe-se que essa característica não é aplicável ao texto oral.

A iconicidade diagramática sintagmática e a paradigmática vão atuar combinadas com o tipo que lhe é imediato: *a iconicidade lexical*.

2 - ICONICIDADE LEXICAL

Potencial de ativação de imagens mentais.

No nível ou tipo denominado *iconicidade lexical*, discute-se a seleção dos itens lexicais ativados no texto.

Entendemos que o projeto comunicativo que subjaz a qualquer interação produz uma energia mental capaz de ativar signos que possam representar (ícones) ideias ou conduzir (índices) o interlocutor à mensagem básica da comunicação. Assim sendo, tão maior será a iconicidade textual quanto mais hábil seja o enunciador na ativação de itens léxicos. Essa habilidade demanda domínio razoável da língua-objeto, assim como largo repertório. O domínio da língua é o esqueleto sistêmico para a estruturação textual; e o repertório amplo é condição para disponibilização de itens léxicos suficientes à expressão das ideias de forma icônica. A representação do pensamento será tão mais icônica quanto mais proficiente for o enunciador;

⁹ Cumpre lembrar que nosso objeto formal é o texto verbal escrito.

da mesma forma que a comunicação será tão mais efetiva quanto mais proficientes forem os interlocutores.

Para nós, o vocabulário ativado no texto (emergente do paradigmático para o sintagmático) organizase em pistas icônicas (representativas, fundadas na similaridade, de fundo analógico) e indiciais (indutoras, fundadas na contiguidade, consecutivas). Explicamos a estruturação sintática como o arranjo das peças icônicas e indiciais de cuja combinação formar-seão as imagens semântico-pragmáticas que subsidiarão a leitura e a compreensão.

Para Haensch, Wolf, Ettinger & Werner (1982, p. 25), a forma do signo pode conter elementos que representem, mediante um tipo de imagem, o conteúdo da mensagem ou alguns de seus elementos. E é isso que perseguimos no plano lexical.

Para os autores, a comunicação se faz por um processo intersubjetivo, ou seja, a intersubjetividade das experiências da realidade e a denominações comuns que designam ideias intersubjetivas possibilitam, conjuntamente, o funcionamento de uma língua. Portanto, é possível pensar-se em uma *iconicidade intersubjetiva* presente no léxico das línguas, uma vez que essa porção lexical se faz icônica por pertencer à maio-

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

ria dos falantes da língua em foco. De posse dessa base comum do componente léxico da língua, os falantes estão preparados para compreender e interpretar mensagens, por estarem aptos a produzir imagens mentais que subsidiem a "tradução" da mensagem em outras palavras, para assentar a compreensão.

Nas pesquisas realizadas, já nos foi possível comprovar o potencial icônico e indicial do vocabulário textual e de sua organização sintática, a partir do que se puderam explicitar estratégias de construção de textos cômicos, trágicos, lúdicos, poéticos ou simplesmente informativos.

3 - ICONICIDADE ISOTÓPICA

Demarcadora das isotopias subjacentes ao texto.

Decorrente das duas anteriores (diagramática e lexical), a iconicidade isotópica funciona como trilha temática para a formação de sentido.

Antes de tudo, cumpre esclarecer que entendemos isotopia como propriedade de um enunciado ser substituído por equivalente no plano do conteúdo, embora sejam diferentes no plano da expressão. Dessa forma tem-se a isotopia numa tomada sinonímica.

Todavia, é possível ampliar-lhe a noção e defini-la como a possibilidade de um recorte temático. Para objetivar, podemos lembrar do romance machadiano *Dom Casmurro* que sustenta severas discussões orientadas por duas isotopias principais: (1) a traição; (2) o ciúme.

No plano da análise de textos em geral, a iconicidade isotópica se faz no rastreamento de palavras e expressões que possam sustentar esse ou aquele tema. A garantia dos recortes isotópicos propostos para esse ou aquele texto se assenta exatamente na possibilidade de identificação de itens léxicos (palavras ou expressões) que constituam campos lexicais ou campos semânticos que ratifiquem a opção temática proposta.

A essa altura da discussão sobre iconicidade, evoca-se a fala de Eco quanto à possibilidade de abertura de uma obra estar delimitada pela trama sígnica que a constitui. Segundo o semioticista italiano, "interpretar um texto significa explicar porque essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pelo qual são interpretadas". Assim, em uma análise textual, existe ao menos um caso em que se pode afirmar que uma dada interpretação não é adequada.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Veja-se o que diz o autor de O nome da Rosa:

"(...) quando um texto é produzido não para um único destinatário, mas para uma comunidade de leitores, o/a autor/a sabe que será interperetado/a não segundo suas intenções, mas de acordo com uma complexa estratégia de interações que também envolve os leitores, ao lado de uma competência na linguagem enquanto tesouro social. Por tesouro social entendo não apenas uma determinada língua enquanto conjunto de regras gramaticais, mas também toda a enciclopedia que as realizações daquela língua implementaram, ou seja, as convenções culturais que uma língua produziu e a própria histórias das interpretações anteriores muitos textos. compreendendo o texto que o leitor está lendo.

(...) Assim o próprio ato da leitura é uma transação difícil entre a competência do leitor (conhecimento de mundo do leitor) e o tipo de competência que um dado texto postula a fim de ser lido de forma econômica. (ECO, [1992] 2001, 80)

Observe-se que Eco destaca um componente — o tesouro social — que promove as mediações entre leitor e texto e que precisa ser levado em conta quando da produção do texto, se se tem clara a destinação do texto

Eco ainda nos alertou ao "dizer que um texto potencialmente não tem fim não significa que todo ato de interpretação possa ter um final feliz" (ECO, [1992] 2001, 28)

As palavras do semioticista reiteram a necessidade de buscar-se algo nos textos que possam funcionar como garantias mínimas de uma interpretação. Em nossa teoria, criamos a figura das âncoras textuais, que são palavras-chave que norteiam identificação de uma isotopia.

Diante de um mundo acometido simultaneamente pela insuficiência e pelo excesso de significados, como delinear critérios equilibrados que norteiem o sentido? Segundo Bauman (1998, p. 135) "a arte e a realidade não-artística funcionam nas mesmas condições, como criadoras de significado e portadoras de significado". Dito isto, ressalte-se a importância da malha icônica como elemento norteador e garantidor de interpretações menos ousadas deste ou daquele texto, atendo-lhe à trama sígnica como fronteira da imaginação criadora.

A discussão das âncoras textuais poderá ser realizada por meio do levantamento de semas, pela semântica componencial proposta por Pottier (1978), por exemplo.

É da identificação das âncoras textuais que se pode inferir a alta ou baixa iconicidade textual.

Se as isotopias se mostram na superfície do texto, isto é, são perceptíveis ao leitor a partir da captação da posição discursiva manifesta na seleção lexical, no modelo gramatical, no gênero ou no tipo textual, na diagramação (ou projeto visual¹º do texto) etc. pode-se classificar o texto como de alta iconicidade. Isto porque facilitará a produção de inferências, ilações, deduções, etc. No entanto, se há opacidade máxima na organização textual, verifica-se então a baixa iconicidade. Pode-se analisar a alta e a baixa iconicidade em outras dimensões: 1) da progressão textual (considerando a relação entre o dado e o novo); 2) da eficiência comunicativa – 2.1.) por condução à mensagem básica, ou eficácia; 2.2.) por despistamento, ou falácia.

 $^{^{10}}$ No caso do texto oral, a diagramação será substituída pela ordem de apresentação dos enunciados.

4 - Alta ou Baixa Iconicidade

Potencialidade de cumprir ou não cumprir o projeto comunicativo previsto para o texto.

Partindo da premissa de que a comunicação é um processo que permite a veiculação de ideias entre sujeitos e de que subjaz ao projeto de dizer uma intenção de *fazer-fazer* (cf. SEARLE, 1984). Cremos que "o projeto de dizer, em última análise, é a apresentação e defesa de um ponto de vista, ou de uma tese sobre algo. Logo, é a intenção originária de persuadir alguém a aceitar algo como válido e, por conta disso, passar a proceder de uma dada maneira" (cf. SIMÕES, 2007, p. 57).

Não é novidade que os signos verbais sejam regulados por uma gramática. No entanto, o arranjo destes na produção dos enunciados muitas vezes transcende as normas gramaticais estabelecidas e gera novas possibilidades estruturais sem que com isso a gramática seja aviltada. Cumpre lembrar que as normas existem para regular um padrão de produção ao alcance da média de utentes. No entanto, há fórmulas não-previstas, às vezes surpreendentes, que enriquecem a expressão e amplificam o potencial semiótico do

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

texto: ora pela escolha do item sígnico mais apropriado ora pelo arranjo mais estratégico dos signos.

Levando em conta essa flexibilidade original dos signos, traçamos em um de nossos estudos uma proposta de interpretação do potencial comunicativo do texto segundo a iconicidade de sua superfície. Eis a proposta:

A iconicidade, no processo da leitura e da redação, a nosso ver, pode manifestar-se de dupla forma: a) como alta iconicidade – qualidade por meio da qual o texto orienta o leitor à produção de sentido em função da apresentação estratégica de pistas de leitura; b) como baixa iconicidade – qualidade por meio da qual o texto se torna opaco, porque não oferece pistas suficientes ou eficientes para o desenrolar da leitura. Convém esclarecer que a alta iconicidade tanto se presta à construção da eficácia quanto à da falácia textual. Nesta o leitor é driblado pelas pistas do texto; naquela, o leitor é conduzido por elas. (cf. SIMÕES & DUTRA, 2004: 41).

Trata-se, portanto, de uma classificação do texto segundo seu potencial icônico, entendendo este como sendo resultante de um conjunto de recursos usados pelo enunciador, destinados a gerenciar a ação do in-

térprete. Se o texto consegue atingir seus objetivos comunicativos, classificamo-lo como de alta iconicidade; caso contrário será um texto de baixa iconicidade. (cf. SIMÕES, 2007 p. 43-4)

Sintetizando, temos como alta iconicidade a realização de um projeto comunicativo, porém, sem compromisso com valores de verdade. Já a baixa iconicidade é resultante do mau uso do código linguístico. Para concretizar a alta iconicidade, impõe-se domínio verbal tal que permita a eleição dos signos adequados ao cumprimento do projeto do texto.

A subjetividade interpretativa é controlada pelas codificações sociais. Logo o texto é um construto que pode conter sinais que conduzam o intérprete a certa semiose. "Se assim não fosse, os textos eminentemente informativos, de função administrativa, não seriam textos possíveis" (SIMÕES, 2007). De leituras inadequadas de textos informativos, administrativos, resultam ações inadequadas. Assim sendo, "o texto, independentemente de sua função pragmática, tem de ser inteligível. E quanto maior for a expectativa comunicativa projetada sobre o texto, mais forte tem de ser a presença de signos orientadores em sua superfície, ou seja, a iconicidade deverá ser mais alta." (id. Ib.)

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Considerados do ponto de vista da eficiência comunicativa, tem-se que a falácia (falsidade) será tão mais rica quanto mais baixa a iconicidade de superfície, ou quanto maior sua capacidade de despistamento. Em contraponto, eficácia (veridicidade) implica alta iconicidade. No entanto, há que se considerar que há eficiência, no atingimento de objetivos falaciosos. Quando a superfície textual apresenta abundantes elementos orientadores, é comum concluir-se por ser o texto de alta iconicidade. Nos textos jornalísticos, nos textos técnico-científicos, a alta iconicidade é qualidade esperada. Já no texto literário, o que se espera é um jogo inteligente entre alta e baixa iconicidade, para que o texto resulte de fato polissêmico, pluridimensional.

5 - ELEIÇÃO DE SIGNOS ORIENTADORES OU DESORIENTADORES

Presença de signos que conduzem ou não o interlocutor pela superfície textual.

A produção da superfície textual implica conhecimentos e habilidades para com o código eleito para a comunicação. Segundo Beaugrande e Dressler (1981 - cf. Koch e Travaglia, 1995: 31), a coerência textual decorre da continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelos signos atualizados na

produção textual e que deve ser percebida na produção (cf. leitor interno – v. Sautchuk) como na compreensão (cf. intérprete – v. Peirce). Portanto, **texto coerente é o que faz sentido** para seus usuários.

Os signos expressos, o *posto*, devem ser capazes de ativar mecanismos cognitivos que ampliem a cooperação (cf. CHAROLLES, 1987 – *apud* KOCH *op. cit*) entre os interlocutores de modo a auxiliar-lhes a descoberta de sentidos subjacentes ao texto-objeto em leitura (seja oral, seja escrito). Em outras palavras, o texto deverá produzir ícones e índices que permitirão ao interlocutor compreender o raciocínio do enunciador. Uma vez concluído, transforma-se em símbolo preferencialmente aplicável à interpretação de outros objetos similares. A descoberta de sentidos destaca a importância do domínio do vocabulário da língua, como também a competência de seleção dos significados mais adequados ao texto em foco.

Considerado o projeto comunicativo, cumpre lembrar que um texto pode ser produzido deliberadamente para enganar o leitor. Para dar conta desse projeto, o enunciador deve ser muito hábil na operação com o código linguístico. Formular caminho de "certezas" honestas ou desonestas demanda compe-

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

tência. Desta podem resultar efeitos de *univocidade*, *ambiguidade*, *plurivocidade* ou *equivocidade* segundo o projeto de comunicação.

Em outras palavras: quando falamos da adequação do processo de seleção lexical, vamos além do simples repertório do falante e tentamos chegar ao projeto comunicativo subjacente ao texto. Segundo Sautchuk (2003), a produção do texto é resultado do trabalho de um sujeito que se divide (inelutavelmente) em um Escritor Ativo e um Leitor Interno. Um e outro integrantes do duplo enunciador vão operar na construção de uma superfície textual icônica que conduza o destinatário (Leitor Externo). E é aqui que se começa a lucubrar acerca do projeto comunicativo. Até que ponto um projeto comunicativo intenta de fato informar algo a alguém? Quando se manifesta um pensamento tem-se o desejo subjacente (e às vezes inconsciente) de persuadir (cf. PERELMAN, 1996), outrem a partilhar da ideia apresentada. Logo, é possível subentender que a intenção de persuadir pode sustentar-se na desinformação ou na informação errada do Leitor Externo, para com isso manipulá-lo e levá-lo a uma conclusão premeditada pelo enunciador. Todavia, a produção de textos com tal astúcia demanda ampla competência do enunciador

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na esteira do raciocínio de Peirce, vimos desenvolvendo pesquisas sobre a iconicidade textual, observada de um ponto de vista em que o texto é um objeto visualmente perceptível, que se faz fenômeno e toca a mente do observador. (Quando oral, também se dá a percepção auditiva do texto como objeto sonoro.) Este, a seu turno, tenta localizar "âncoras textuais" (SIMÕES, 1997) ou "pistas de decifração" (FERRARA, 1986) no objetotexto a partir das quais ele (o intérprete) será conduzido (ou afastado da) à mensagem básica. A função orientadora ou desorientadora (NÖTH, 1995) realizada pelo signo na superfície textual estará, respectivamente, correlacionada com a eficácia ou a falácia textual pretendida pelo emissor. A seleção de unidades léxicas e a diagramação sintagmática resultam em enunciados que acionam processos específicos de raciocínio. Estes darão origem (ou não) à compreensão do texto, na mesma medida que instrumentalizam o falante para a redação. Procura-se, então, ensinar o leitor a "pinçar" as palavras-chave dos textos e compor grupos temáticos que possam indicar as isotopias disponíveis para interpretação. Busca-se resgatar o projeto do texto, visando à identificação das intenções comunicativas do

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

emissor. Quando captado um itinerário para a leitura, ver-se-á que unidades lexicais são ícones quando "desenham" o que exprimem e favorecem a dedução; são índices quando conduzem processo indutivo de interpretação; são símbolos quando permitem que o texto seja inserido em áreas ou subáreas temáticas, construindo o mecanismo da síntese. Ícones, índices e símbolos aparecem combinados. Via de regra, os símbolos são marcas ideológicas inscritas no texto; identificadores do(s) sujeito(s) enunciador(es). A condução da leitura a partir da iconicidade apurável no texto é uma estratégia que visa a orientar a leitura e, com base na arquitetura textual, subsidiar a produção do texto escrito.

No entanto, não é demais frisar que, seguindo Eco ([1992] 2001 p. 81), concordo com suas duas hipóteses de leitura: (1) usar – tomar, por exemplo, *O Nome da Rosa* para estudo e exemplificação da metáfora; (2) interpretar – construir um sentido para o texto segundo "seu pano de fundo cultural e linguístico".

Portanto, nas práticas pedagógicas primeiras, a iconicidade pode servir de fundamento garantidor de interpretações de base denotativa, isto é, que se baseiem nos sentidos mais gerais, que circulam no cenário

discursivo em que se insere o texto: seu enquadre epistemológico.

Todavia, se a instrução está voltada para a ampliação do universo linguístico-conceitual do sujeito, tomar-se-á a iconicidade como elemento provocador de sucessivas leituras, dirigidas a temas emergentes da potencialidade conotativa dos signos do texto. Mesmo nessa prática ainda é preciso controlar a interpretação, para evitar devaneios ou superinterpretações, no dizer de Eco ([1992] 2001)

Sintetizando: a iconicidade é uma qualidade de natureza plástico-imagética que pode orientar o olhar do leitor para uma tomada do texto como um desenho constituído por um traçado complexo em que podem misturar-se às letras das palavras e enunciados, formas, cores, posições, figuras etc.; do diálogo entre essa variedade de signos resulta a compreensão da mensagem.

A rota teórico-metodológica proposta tem promovido a obtenção de resultados muito animadores. Considerada a nossa história pessoal de pesquisa que tomou como objeto a redação discente, sentimos que estamos atingindo os nossos objetivos maiores que são:

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Sabemos que, quando aplicado nas aulas de redação, trata-se de um modelo de trabalho que exige muito de docentes e discentes, uma vez que cada texto é discutido e reescrito para aperfeiçoamento. Contudo, encontramos na Internet uma excelente aliada para o desenvolvimento de nosso projeto de análise de textos e de instrução para a retextualização. Com esse modelo, o texto do aluno é lido e relido várias vezes pelo docente e pelo próprio autor; e as versões produzidas podem ser comparadas de modo a tornar visíveis as mudanças realizadas e seus efeitos na iconicidade do texto resultante.

Temos podido constatar que os alunos-autores vão tornando-se mais exigentes com seus próprios textos, uma vez que se conscientizam de que a produção de forma mais adequada é garantia de comunicabilidade.

APLICAÇÕES DA TEORIA DA ICONICIDADE VERBAL

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

JUSTIFICANDO A APLICAÇÃO

Além das orientações de pesquisas em nível de especialização, mestrado e doutorado, também ministramos aulas em turmas de graduação. Nestas, em especial, é possível atuar como que em laboratório, testando a eficiência de novas propostas teóricas.

A avaliação das condições de entrada dos sujeitos no processo de ensino e como se apresentam após o trabalho com o suporte da teoria da iconicidade permite-nos concluir da eficiência desse aporte teórico.

Verifica-se uma visível melhoria na qualidade das produções discentes, em função da segurança que adquirem na estruturação linguística, já que passam a compreender melhor as relações entre teoria e prática, assimilando mais rapidamente a gramática da língua.

Como se trata de nova matriz teórica, apresentamos ao leitor, nesta segunda parte, algumas análises apresentadas em encontros acadêmicos e que se originaram em aulas ministradas na graduação e na pósgraduação *lato sensu* em diversas instituições de ensino superior por onde temos podido passar.

Também tentamos responder a demanda por modelos aplicados de cada teoria, conforme cobram os docentes em encontros pedagógicos.





Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

TRABALHANDO A ICONICIDADE LEXICAL

Parece difícil acreditar na hipótese de que as palavras sejam icônicas, uma vez que a indexicalidade (ou indicialidade) já foi comprovada, por exemplo, no estudo da dêixis. No entanto, é possível observar mais de um tipo de iconicidade lexical.

A primeira seria algo que parece emanar do próprio signo. É altamente icônica uma palavra como raiva. Observe-se que a sua constituição sonora, fonológica, produz efeito similar ao do grunhido, que é um tipo onomatopaico que aproxima homens e outros animais.

Uma palavra como **bate-boca**, parece evocar uma situação de fato em que duas pessoas trocam palavras irritadas, ofensivas, como se se batessem com as respectivas bocas.

Chuva é uma palavra que parece imitar o fenômeno físico. O chiado da sílaba inicial associa-se ao efeito fricativo da sílaba final, criando a ilusão de ouvir-se o barulho da chuva.

Mas não paramos por aí. Houve um tempo em que se falou de palavras aspectuais. Entre elas apareciam formas como **montanha** que, na fala, promove

uma série de ondulações no movimento da boca; na escrita, os vários montes representados pelas letras **m**, **n e h**, seriam entendidos como ícones do desenho de uma montanha.

Mas passemos agora à impropriedade de seleção. Uma iconicidade ao avesso: em vez de ajudar na compreensão do texto, acaba por atrapalhar o processo.

Para ilustrar, trazemos à lembrança fatos frequentes na correção de textos. A inadequada seleção de palavras e expressões geralmente nasce da inabilidade da identificação de formas inerentes ao uso linguístico exigido pelo gênero textual em foco. Em texto administrativo não caberia a palavra **querido** na composição do vocativo, como o fizera uma estudante ao produzir um requerimento ao reitor de sua Universidade. A autora dirigiu-se ao interlocutor com a expressão **querido reitor**. A ativação do adjetivo é geradora de conflito na estrutura textual, por conseguinte constrói a baixa iconicidade, que será exemplificada mais à frente

A literatura é um manancial de exemplos de iconicidade no léxico. Um de nossos antigos estudos

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

explorou *Tresaventura* de Guimarães Rosa (SIMÕES, 2002).

Veja-se que, seguindo o fio das palavras, verifica-se o desafio posto em linha: *Precisava de ir, sem limites*. (§7, 1.2-3). GR desafia o sistema linguístico na proporção do desejo de Dja Iaí que *não cedia desse desejo, de quem me dera*. (§7, 1. 3-4). Mas o autor mostra que na linguagem (ou pela linguagem) todos os mundos são possíveis e representa o mundo *figuradio* da menininha de forma inteligível e possível:

Dja tornou sobre si, de trabuz, por pau ou pedra, cuspiu na cobra. Atirou-lhe uma pedrada paleolítica, veloz com o amor. Aquilo desconcebeu-se. O círculo abrupto, o deslance: a cobra largara o sapo, e fugia-se assaz, às moitas folhuscas, lefelefe-lhepte, como mais as boas cobras fazem. (§20, l. 1-6)

O mundo desenhado por Maria Euzinha (ela era muito ela) era um mundo de amor. Este tanto concebe a vida como *desconcebe* o mal-assombro, a violência. E o neologismo designando processo pode ser lido como símbolo da necessidade de ação em prol da mudança das coisas. *Aquilo desconcebeu-se*.

A palavra deslance é de alta iconicidade. Interpretamo-la como uma formação anagramática a partir

de desenlace que, embora mantendo o significado de desfecho, solução, representa diagramaticamente no interior do vocábulo a mudança do rumo das coisas por intervenção do desejo: o travador nasal /n/ é deslocado para a sílaba posterior, e a vogal média fechada desaparece encurtando o vocábulo; o encurtamento vocabular pode ser interpretado como índice da aceleração da solução do problema entre a cobra e o sapo (uma perturbação causada pelas falas do mundo adulto que acabam por realizar-se, já que as palavras criam os mundos). Na sua relação sinonímica com desenredo, desenlace ou deslance se traduz em desembaraço, liberação; o que corrobora nossa interpretação.

UM POUCO DE ICONICIDADE DIAGRAMÁTICA

Utilizando o jornal como material ilustrativo quanto à distribuição dos objetos textuais na página, trazemos para ilustrar a seguinte lide:

<u>Dólar baixo</u> não derruba balança; Brasil vai <u>exportar mais</u> este ano. (in O Globo, Colunas, 10/03/2005)

Os termos grifados deveriam figurar nos dois extremos do texto, para realçar ainda mais a oposição entre a queda do dólar e a alta da exportação. O sin-

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

tagma *este ano*, poderia estar abrindo o segundo enunciado, assim:

• este ano o Brasil vai exportar mais

No entanto, o texto

<u>Boa viagem</u>: Fortaleza um dos destinos mais procurados no <u>Brasil</u>. (in O Globo, Boa Viagem, 10/03/2005)

demonstra, iconicamente, que há intenção de incentivar o turismo interno, logo, abre-se o texto com uma expressão que significa a um só tempo o nome da seção do jornal e uma saudação ao viajante. A conclusão do texto com a palavra *Brasil* é o dado que funciona como se fechasse um parêntese: (Boa viagem <=> Brasil).

Agora vejamos um exemplo (transcrições conforme os originais) de autoria de CRM do 7º período (2004-1) da graduação:

O conhecimento dessas pequenas "línguas" torna-se necessário quando um texto é produzido. Que termo usar? Qual palavra seria melhor? Essas são as dúvidas mais frequentes de quem quer ser entendido por todos. E é aí que se situa a importância do conhecimento da língua em sua variedade. [grifamos]

Observe-se que a utilização da retomada do tópico conhecimento dessas pequenas "línguas" de forma

sinônima com *conhecimento da língua em sua variedade* demonstra uma tentativa de guiar o leitor pela imagem do texto. O M. Garcia, já falava sobre isto na década de 60 quando discorria sobre *estrutura de parágrafos*.

Vejamos agora o jogo dos termos em uma letra de música.

Chão de estrelas

Minha vida era um palco iluminado E eu vivia vestido de dourado Palhaço das perdidas ilusões Cheio dos guizos falsos da alegria Andei cantando minha fantasia Entre as palmas febris dos corações Meu barração lá no morro do Salgueiro Tinha o cantar alegre de um viveiro Foste a sonoridade que acabou E hoje, quando do Sol a claridade Forra o meu barração, sinto saudade Da mulher, pomba-rola que voou Nossas roupas comuns dependuradas Na corda qual bandeiras agitadas Pareciam um estranho festival Festa dos nossos trapos coloridos A mostrar que nos morros mal vestidos É sempre feriado nacional. A porta do barraco era sem trinco Mas a lua furando nosso zinco Salpicava de estrelas nosso chão E tu pisavas nos astros distraída

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática Sem saber que a ventura desta vida É a cabrocha, o luar e o violão

Observemos alguns versos:

O	
Meu barração lá no morro do	Antecipação do adj.
Salgueiro	Adv. de lugar
Tinha o cantar alegre de um viveiro	Predicado de Meu
	barração
Foste a sonoridade que acabou	
E hoje, quando do Sol a claridade	Inversão do termo
Forra o meu barração, sinto saudade	determinante de a
	claridade;
	Antecipação do adj. adv.
	de tempo
	hoje, quando do sol a
	claridade/forra meu
	barração
Da mulher, pomba-rola que voou	

Interpretamos as inversões sintáticas grifadas nos versos de "Chão de Estrelas" ¹¹ como sendo a representação icônico-imagética do desarranjo da vida do eu lírico com a perda da mulher amada.

¹¹ Composição de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa.

ICONICIDADE NA DISTRIBUIÇÃO DAS IDÉIAS

Texto-córpus¹²: AS RAZÕES DO CLUBE

Parece mentira, né? Lula presidente. Para quem, como eu, votou nele desde a primeira tentativa, é um pouco como dar adeus a um velho hábito. Já estávamos acostumados à decepção, a perder de quatro em quatro anos só para concluir de novo que o Brasil não tinha jeito mesmo, que alguém como ele jamais seria eleito, que a maioria oprimida jamais teria vez, porque as elites, porque o capital internacional, porque os americanos... E não é que o homem me ganha? Mas o ceticismo entranhado custa a morrer. Depois dos festejos vem a desconfiança. O que deu errado desta vez? Ou, mais intrigante: o que deu certo? . [grifos nossos]

A primeira tentação é a de invocar o filósofo Marx, Groucho Marx, e alertar o Lula sobre o risco de entrar num clube que aceita sócios como ele assim tão facilmente. 0 segundo pensamento é mais especulativo, e otimista: e se o clube mudou? E se o Lula ganhou o apoio de gente que antes assustava não apenas porque a barba preta ficou grisalha e o discurso abrandou, mas porque há um sentimento generalizado de que algo está desmoronando, algo está chegando ao fim, e que é preciso colocar outra coisa pelo menos organizada no seu lugar, antes que a pura raiva antitudo tome conta? O anti-Lula desta vez não se criou porque o sistema desanimou cedo. O Serra foi um produto do desânimo do sistema. [grifos nossos]

Fala-se muito que o governo Lula terá pouco espaço de manobra para fazer o que pretende, com os compromissos que herdará. Mas o sistema internacional também está em crise, também há luta dentro do clube deles sobre o que é conveniente e o que é negociável para que o sistema sobreviva à sua própria irracionalidade, e talvez também haja interesse em facilitar a vida do novo sócio. Que, afinal, já declarou que não vai limpar os sapatos com o guardanapo, só quer mais consideração e justiça. [grifos nossos]

(Luís Fernando Veríssimo - Terça feira, 29 de outubro de 2002 - O GLOBO - Opinião) Observando-se a estrutura dos parágrafos do texto, verifica-se que seu projeto é absolutamente icônico em relação aos esquemas de raciocínio mais elementares:

- apresenta-se com três movimentos: começo, meio e fim;
- cada parágrafo se constrói a partir de um tópico diluído que se conclui com predicação explícita para o tema do tópico no último período;
- os substantivos que iniciam e concluem o texto são ícones-símbolos da imagem que os eleitores de Lula têm de seu governo:
 - Parece mentira, né? Lula presidente (§ 1º, linha 1)
 - os sapatos com o guardanapo, só quer mais consideração e justiça. (§ 3º, linhas 5-6)

 $^{^{\}rm 12}$ Deliberadamente decidimos grafar córpus, com base na identidade estrutural do vocábulo com a sílaba portuguesa.

LEITURA DOS SIGNOS DESTACADOS:

Quadro nº 1

Ícone de um estado			Ícone de necessidade de mudança
dissimulado(r)			
Símbolo do	←presidente→		Símbolo do Poder
Poder	_		
Índice de	sapatos	consideração	Ícone de reconhecimento
base,	←	→	de direitos
sustentação			
Índice de	guardanapo	justiça	Símbolo da democracia
limpeza,	←	→	
Conforto			

Esta leitura em dupla direção já denuncia alguma astúcia inscrita no texto, pois cada uma destas interpretações vai apontar para um enunciando e um leitor específicos; cada um deles representará uma camada social ou uma parte da população nacional, distribuída segundo suas opções e condições políticas e sociais.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

LEITURA DO PROJETO DO TEXTO

Ouadro nº 2

	CLUBE	ENUNCIADOR	ESQUEMAS DE RACIOCÍNIO	PALAVRA S-CHAVE
Te ma 1	razões			razões
	Este vazio	votou nele desde a primeira tentativa		tentativa
	seria um ícone da irracionalid	estávamos acostumados à decepção		decepção
	ade do poder	o Brasil não tinha jeito mesmo	IVA	jeito
	constituído , em relação	alguém como ele jamais seria eleito	FICATI	alguém
	com os reais anseios	a maioria oprimida jamais teria vez	/ JUSTI	jamais
	populares representa dos no último	porque as elites, porque o capital internacional, porque os	EXPLICAÇÃO/ JUSTIFICATIVA	elites
	período do último	americanos	EXI	sistema
	parágrafo	desanimou cedo		Sisteilla
	do texto. Observe-se que reiteração	o sistema in- ternacional também está em crise		crise internaci onal

	de último	há luta dentro do		luta
	não é	clube		
	casual;			
	representa			
	uma opção			
	diagramáti			
	ca do autor			
	do texto.			
	Ele			
	reservou o			
	último			
	período do			
	último			
	parágrafo			
	para			
	apresentar			
	os ideais do			
	novo			
	governo,			
	demonstra			
	ndo			
	plasticame nte a			
	vitória nas			
	urnas no			
	segundo			
	turno das			
	eleições.			
Te		a → intrigante		mentira
ma				intrigant
2				e
	Lula	presidente	CONSTATAÇÃO	president
		•		e
	dar adeus	a um velho hábito	IRONIA	hábito
	alguém como ele jamais seria		HIPÓTESE	ele
	eleito			
	O que deu	o que deu certo?	INDAGAÇÃO	errado
	errado			certo
	desta vez?			
	o que é	talvez também	0.75 E E Z S	convenie
L	convenient	haja interesse em	•	nte

117

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

	1			
e e o que é	facilitar a vida do			negociáv
negociável	novo sócio			el
(?)	dúvida explícita =			Talvez
interrogaçã	icônica			
o indireta				
= indicial				
E não é que	E não é que o			Homem
o homem	homem me ganha?			
me ganha?	Me = marcação da			
Me =	informalidade do			
marcação	texto; marca da			
do discurso	oralidade;			
indireto	Me = índice do	ÃC		
livre	espanto do	Φ		
Me = ícone	enunciador			
da voz do	 Construç 	7T/		
clube	ão	CONSTATAÇÃO		
representa	popular	8		
do pelo		-		
Serra				
 Constr 				
ução				
padrão				
A primeira	A primeira		Te	ntação
tentação é a	tentação é a de		in	vocar
de invocar	invocar o filósofo			rocui
o filósofo	Marx, Groucho			
Marx () e	Marx, e alertar o	H	1	Risco
alertar o	Lula sobre o risco	SI		
Lula sobre	de entrar num	≨	1	Marx
o risco de	clube que aceita	sobre o risco entrar num se que aceita os como ele Grou		1 14
entrar n um	sócios como ele	Ö	Grou	cho Marx
clube que	assim tão	O		
aceita	facilmente.	fi		lósofo
sócios	Ícones das		_	
como ele	reflexões irônicas:		S	ócios
assim tão	1. Groucho Marx			

facilmente.	é um comediante norte-americano		facilmente
Índices das	famoso		
reflexões:	2 A		
0	intelectualidade		
presidente	das elites é		
atual é um	cômica.		
intelectual	3. risco = símbolo		
e Marx é	da tentação		
ícone da			
revolta do			
proletariad			
0.			
A elite			
sente-se			
ameaçada			
pelo			
proletariad			
0.			
invocar =			
símbolo do			
risco			
gente que	gente que antes	CONSTATA	Gente
antes (ele)	(se) assustava	CÃO	
assustava	(com ele)		assustava
 Constr 	 Construção 		
ução	popular		
padrão			

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

	algo está desmoronando, algo está chegando ao fim, é preciso colocar outra coisa pelo menos organizada no seu lugar, antes que a pura raiva antitudo tome conta?	EXPLCAÇÃO / JUSTIFICATIVA	antitudo → anagrama de antidoto → anti-Lula
talvez também haja interesse em facilitar a vida do novo sócio dúvida explícita = indice de uma manobra para que o sistema sobreviva à sua própria irracionalid ade	Que, afinal, já declarou que não vai limpar os sa- patos com o guardanapo, só quer mais consideração e justiça.	CONCLUSÃO	Talvez facilitar irracionalidade consideração Justiça

A indicação nas colunas de enunciado que pode ser lido de mais de uma maneira, materializa o que entendemos como *isotopia*, ou propriedade de um enunciado ser substituído por equivalente no plano do conteúdo, embora sejam diferentes no plano da expressão. No quadro nº 2, no tema 2, a partir da linha

4, verifica-se a possibilidade de interpretação complexa dos enunciados. Há casos em que o mesmo enunciado aceita duas interpretações: trata-se da polissemia decorrente do foco de leitura. Há casos em que o enunciado é diferente, mas a interpretação é correspondente. Nestes se materializa a isotopia. Caso em que a posição discursiva é inscrita no enunciado a partir das opções formais: seleção lexical, modelo gramatical etc.

Quando as isotopias se anunciam na superfície textual, verifica-se a alta iconicidade, uma vez que os introdutores utilizados vão acionar esquemas mentais que, por sua vez, vão conduzir a leitura numa dada direção (veja-se que *sentido* é direção). Em se tratando de texto literário, portanto, por princípio plurívoco, a alta iconicidade (em princípio, correspondente a transparência) pode ser nada menos que uma astúcia enunciativo-linguística para estimular a leitura e enredar o leitor nas tramas do texto.

As razões do clube

Parece **mentira**, né? Lula presidente. Para quem, como eu, votou nele desde a primeira tentativa, é um pouco como dar adeus a um velho hábito. Já estávamos acostumados à **decepção**, a perder de quatro em quatro anos só para concluir de novo que o Brasil não tinha

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

jeito mesmo, que alguém como ele jamais seria eleito, que a maioria oprimida jamais teria vez, porque as elites, porque o capital internacional, porque os americanos... E não é que o homem me ganha? Mas o ceticismo entranhado custa a morrer. Depois dos festejos vem a desconfiança. O que deu errado desta vez? Ou, mais intrigante: o que deu certo? [grifos nossos]

Observe-se que os elementos grifados neste parágrafo do texto conduzem o leitor para uma interpretação problemática: a supremacia da idéia negativa de dúvida – mentira, decepção, ceticismo, desconfiança — acrescida da presença do elemento nuclear do conflito — maioria oprimida, elites, capital internacional — apresenta ao leitor um texto com entrada em "mão dupla": de um lado vem a fala do eleitor desejoso de mudança; do outro lado (e subjacente), a fala da manutenção do poder cristalizado pela força do capital. Qual seria então a voz que se manifesta neste texto? Quais os espaços mentais estariam sendo prestigiados pelo enunciador: o da mudança ou o do conservadorismo?

A primeira **tentação** é a de **invocar** o filósofo <u>Marx, Groucho Marx</u>, e **alertar** o Lula sobre o **risco** de entrar num clube que aceita sócios como ele assim tão facilmente. O segundo pensamento é mais **especulativo**, e **otimista**: e

se o clube mudou? E se o Lula ganhou o apoio de gente que antes assustava não apenas porque a barba preta ficou grisalha e o discurso abrandou, mas porque há um sentimento generalizado de que algo está desmoronando, algo está chegando ao fim, e que é preciso colocar outra coisa pelo menos organizada no seu lugar, antes que a pura raiva antitudo tome conta? O anti-Lula desta vez não se criou porque o sistema desanimou cedo. O Serra foi um produto do desânimo do sistema. [grifos nossos]

Neste parágrafo, a prevalência é de termos e expressões negativas também, contudo, num outro plano. Desta vez se verifica um apelo ao mito, ao mistério, às crenças e crendices. Mesmo assim, as duas vozes antagônicas se mantêm ativas: os nomes sublinhados — Marx e Groucho Marx — funcionam como ícones da ambivalência do texto. Como associar um filósofo do proletariado a um comediante das elites? A partir desta oposição, os elementos grifados podem ser lidos assim:

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Ouadro nº 3

Palavras-chave	Espaços mentais ativados	Valores
tentação, risco, raiva antitudo	mito + medo + mistério	Negativos
invocar, barba preta	crenças e crendices	Negativos
alertar, assustava	mistério	Negativos
especulativo	curiosidade + dúvida	Negativos / Positivos
otimista	esperança + vitória	Positivos
desmoronando, chegando ao fim	destruição	Negativos
sistema, desânimo	derrota	Negativos/Positivos

Na leitura dos valores que emergem dos espaços mentais ativados, verificam-se as molduras de interpretação construídas para o leitor: os elementos negativos vão sendo, paulatinamente, suplantados ou substituídos por dados positivos. Quanto à iconicidade do projeto do texto, verifica-se o mesmo ritmo no total do texto: inicia-se com a dúvida (negativo) e termina com os ideais democráticos (positivo). Logo, o conjunto de unidades léxicas (vocábulos ou expressões) que figuram na coluna da esquerda foi estrategicamente colocado no parágrafo,

desenhando assim um itinerário de leitura em consonância com o tema básico do texto: eleições que indicam vitória dos ideais democráticos: só quer mais consideração e justiça.

Considerando ainda a organização psicossemiótica dos esquemas de leitura convencionados no mundo ocidental, verifica-se que o movimento ocular sobre a mancha gráfica se dá de cima para baixo e da esquerda para a direita. Em função disso, o texto jornalístico procura não se perder desse esquema, para também no nível subliminar garantir a fixação da atenção do leitor e, de alguma forma, auxiliar-lhe a leitura e a trajetória sobre a superfície sensível. Se for traçada uma linha reta em diagonal iniciada na expressão Parece mentira e concluída em consideração e justiça, ter-se-á a síntese do texto, segundo a ótica predominante para o enunciador. O vetor (ou seta), então não-verbal, é o indicador material do movimento visual do leitor e das idéias fundamentais do texto em estudo.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática



Vale acrescentar que o texto jornalístico pode contar com o recurso não-verbal, que é um forte aliado na orientação ou desorientação do leitor. No texto em análise, a ilustração é ingrediente que vai aumentar a alta iconicidade do texto, uma vez que ali se vê uma enorme mão, por isso poderosa, que segura um pequeno indivíduo, representando o proletariado a cair num abismo. A mão salvadora se completa num braço vestido de dupla manga com uma abotoadura em forma de estrela. O índice (camisa e paletó) que ativa a idéia de homem de terno evoca ainda um indivíduo do proletariado recém-eleito presidente (Lula, o metalúrgico); e a estrela-abotoadura seria o emblema do partido vencedor (PT) que não figura mais apenas nos bonés dos operários, mas no punho de um executivo

na mais alta investidura do país: a Presidência da República.

Em síntese, o projeto do texto analisado evidencia um enunciador que aplaude a vitória de Lula nas urnas e acredita na mudança dos rumos do país. As dúvidas que atravessam o texto servem apenas como contraponto reflexivo, que por sua vez serve como índice-ícone de um eleitor capaz de avaliar prós e contras num projeto de governo ou num sistema político.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

IDENTIFICANDO A ICONICIDADE ISOTÓPICA

ENVELHECER

Antes, todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.
(Mario Quintana, em "Sapato Florido", 1948) [grifamos]

Os elementos grifados são as palavras-chave que nos parecem construir uma trilha que nos conduz ao tema **solidão**. Dos termos grifados, destacamos **antes – agora – chá – fantasmas** como as **âncoras** do tema eleito. Isto é, tais palavras seriam as âncoras do tema **solidão**

Se elegermos **outras âncoras – caminhos – casa** – **livros – fantasmas**, poderemos então pensar no tema **isolamento**, por exemplo. E assim vai.

Contudo, uma e outra seleção não nos permitiria eleger por tema algo como **felicidade**, **realização** etc., já que não há semas compatíveis em todos os itens grifados.

OUTRA ANÁLISE DA ICONICIDADE ISOTÓPICA

Ultimamente, como devem ter notado os pacientíssimos leitores que visitam este espaço, dei para me preocupar com os entrelinhistas, o pessoal que lê nas entrelinhas. Espero tratar-se de um surto passageiro, que vá embora depois do segundo turno eleitoral. O entrelinhismo, afinal, é uma postura filosófica ou metodológica arraigada em muita gente e, se quiser continuar a escrever e publicar, vou ter que conviver com ele o resto da vida. Mas hoje, particularmente, faço questão de deixar claro aos entrelinhistas que, além de não ter recebido oferta de suborno nenhuma, não posso ser acusado de defensor das brigas de galo e Itaparica está aí, para não me deixar mentir. (...) Que novidade é essa, agora as rinhas de galo são prioridade do governo, o Rinha Zero substituirá o Fome Zero, já que este não deu certo, nem vai dar? (João Ubaldo Ribeiro - In "O Rinha Zero vai dar certo".

http://www.estadao.com.br/ecolunistas/ubaldo/04/10/ubaldo041031.htm

O cronista baiano refere-se a fato escandaloso de flagrante de político participando de prática de contravenção penal — a rinha de galos. No entanto, o uso reiterado de cognatos de entrelinhas — entrelinhistas, entrelinhismo - indicia uma proposta comunicativa de leitura dos subterrâneos do texto. O autor refere-se ao exercício da escrita profissional como orientada por postura filosófica ou metodológica que caracteriza os leitores de então e ao compromisso do autor de comunicar-

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

se com estes para manter a publicação ativa. Refere-se ainda a não ter sido submetido a *suborno* (outro ilícito penal ao lado da *rinha*) e por fim ao *Rinha Zero* como um possível projeto do Governo Federal. Tantas alusões alimentam a proposta original da *leitura das entre-linhas*, tornando esta crônica uma provocação de leituras plurais relacionadas com: *tipo de leitor* (e de eleitor); a profissão de escritor; a prática de ilícitos penais; as iniciativas do Governo, etc.

Essa infinidade de recortes isotópicos desenha a polissemia do texto em questão, mostrando-o como ícone do texto artisticamente construído, em que o autor opera no eixo das astúcias enunciativas, por meio do que, a um só tempo, garante legibilidade e promove a reflexão para diversos temas afins do tema básico.

O SIGNO DESORIENTADOR

À guisa de demonstração trazemos um excerto de outro de nossos escritos (SIMÕES, 2001):

POEMINHO DO CONTRA¹³

Todos estes que aí estão Atravancando o meu caminho, Eles **passarão**. Eu **passarinho**! (Mario Ouintana em

A seleção/criação vocabular presente neste poema demonstra a potencialidade do código utilizado. O termo *passarão*, colocado em oposição a *passarinho*, permite, no mínimo, duas leituras interessantes:

passarão & passarinho = s. em oposição de grau (aum. & dim.) \rightarrow Isto poderia conduzir o leitor a interpretar tal formação antitética como uma metáfora para o "peso" da passagem daqueles apontados como $Todos\ esses\ que\ ai\ estão\ /$ $Atravancando\ o\ meu\ caminho\ em\ contraponto\ ao\ "peso"\ do\ poeta:\ Eu\ passarinho!$

passarão = (pássaro grande, pesado) brutalidade / passarinho (pássaro pequeno, leve) = suavidade.

¹³ In QUINTANA, Mario. (1985) Prosa & verso. 4° ed. Porto Alegre: Globo. [p. 56]

passarão & passarinho = f. verbal¹⁴ (passarão - Id Ft¹ P⁶ de passar & passarinho - Id Pr P¹ de passarinhar).

Mais um exemplo:

Tabuleiro de xadrez de um vizir louco ou areias movediças, escolha sua metáfora para o que os americanos enfrentam no Oriente Médio e na Ásia Central na sua tentativa de dominar a região. Jogar xadrez com um maluco sobre um sumidouro talvez seja a descrição mais sintética e adequada. Os objetivos americanos são simples, como sempre: retribuição e controle. Os dos orientais, árabes ou não, são arabescos. (XADREZ – Luís Fernando Veríssimo - LFV- O Globo –30-9-01).

O termo *arabesco(s)* (ê). [Do it. arabesco.] S.m.1. Ornato de origem árabe, no qual se entrelaçam linhas, ramagens, grinaldas, flores, frutos, etc. 2. Rabisco, garatuja. [Aurélio Eletrônico s.u.] aparece no texto com outro valor: o de adjetivo, correspondendo assim a *de árabe* (= *do oriente, coisa desconhecida no ocidente*).

A diferença no entendimento da classe gramatical gera valor novo, confrontem-se: *arabesco*₁ (= traçado exótico); *arabesco*₂ (característico da civilização orien-

 $^{^{14}}$ ld $\rm Ft^1$ $\rm P^6$ & Id Pr P¹ são abreviaturas utilizadas em KOCH & SILVEIRA. Linguística aplicada ao português: Morfologia. São Paulo: Cortez.

tal). O sentido resultante da interpretação (arabesco₂) é endossado pelos sintagmas grifados no seguinte trecho: *Os objetivos americanos são simples, como sempre: retribuição e controle. Os dos orientais, árabes ou não, são arabescos.* Observe-se que o paralelismo da forma sustenta a interpretação de *arabescos* como adjetivo em par com *simples.* Um sentido não anula o outro, contudo, o valor adjetivo teria sido o eleito pelo enunciadorautor.

Com esses exemplos, cremos dar uma pequena mostra do trabalho literário com o signo desorientador. Agora passemos para o mundo não-literário.

Veja-se este anúncio: "Para todos aqueles que têm filhos e não sabem, nós temos uma creche no segundo andar." [grifamos o elemento problemático]

Observe-se que o anúncio é da existência de uma creche, que não é conhecida. No entanto, o redator inseriu em lugar errado a expressão grifada, que passou a funcionar como predicado de **aqueles que têm filhos**, tornando o texto engraçado, mas ineficiente quanto à informação sobre a creche.

Um exemplo em que a presença de signo desorientador se torna um problema.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

CESGRANRIO 2005

Aponte a opção em que se encontra um uso inaceitável de concordância

- A. Uma e outra coisa merece nossa atenção.
- B. Nem um nem outro candidato conseguiram se destacar.
- C. O medico, com sua enfermeira, foi ao Congresso.
- D. No relatório da OMS, tinham vários erros de tabela.
- $\hbox{E.} \quad \hbox{Os cientistas haviam tido muito cuidado nos experimentos.} \\$

Observe-se que o comando pede a identificação de **uso inaceitável de concordância.** Entre as alternativas não há qualquer erro de concordância a apontar. A resposta apontada no gabarito (letra "D") só teria a comentar o uso do verbo *ter* por *haver* que se trata de um problema de seleção. Logo, o candidato ficaria em conflito diante de uma questão como essa.

Como se vê, a seleção de signos a serem atualizados num texto é tarefa de alta complexidade e deve ser realizada em consonância com o projeto do texto, caso contrário, não dará conta da comunicação pretendida.

UMA ANÁLISE DO PROJETO COMUNICATIVO

Esta é uma instrução para avaliação da eficácia de textos escritos. Para exemplificar a metodologia de trabalho, exploramos um fragmento de uma crônica de João Ubaldo Ribeiro intitulada "O Programa Fala Zero" (In *O Globo*, Opinião, 08/04/2005).

Transcrevemos o excerto, grifamos e numeramos trechos sobre os quais apresentamos uma interpretação baseada numa isotopia política, que tem por referência a original identidade do autor com o partido político da situação (PT) e a visível insatisfação de antigos *militantes-companheiros* (integrantes do grupo do PTI ou dos petistas insatisfeitos) ante a feição do Governo Federal.

Eis o fragmento:

Eu pensava que[*] uma secretaria de Direitos Humanos se ocuparia basicamente de direitos elementares, como saúde, educação e segurança. Mas é bobagem[*], porque já estamos bem cuidados(as) nessas áreas, qualquer um(a) sabe[1]. Cabe agora baixar instruções sobre a linguagem autorizada[2]. Precisando conseguir empregos para quem é companheiro e está necessitado de um trocado às nossas inesgotáveis custas, criam-se cargos que não têm o que fazer[3] e os ocupantes e ocupantas[4] desses cargos produzem idéias brilhantes[7] como essa, de criar uma espécie de Socila[5] (lembram a Socila?) para o povo (ou a pova)[4] falar direito e não nos fazer passar vexame (que, aliás, em certas áreas do país, é sinônimo de dor de barriga[6]) a tempa[4] toda, como de hábito.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Com toda a certeza[*], as instruções que já foram ventiladas são fruto de vasto mapeamento linguístico, filológico e sociológico[2], que deu autoridade[7] a seus(suas) formuladores(as) para estabelecer o que é aceitável no falar e no trato social, que é uniforme em todo o(a) nosso imenso(a) Brasil[8] e, se não é, vai ter que ser[3]. Imagino que algum(a) deputado(a) já esteja até apresentando projeto de lei cujo primeiro artigo, que vai resolver logo tudo com uma canetada[9], rezará "todo brasileiro e toda brasileira é obrigado(a) a ser bem-educado(a), tratar todo(a) mundo(a)[4] bem e não proferir palavras ou expressões não constantes do Vocabulário Petista da Língua Portuguesa Falada no Brasil"[3].

Veja-se o quadro em que buscamos interpretar enunciados segundo sua função semiótica e sua informatividade ou iconicidade do projeto de dizer.

Hipótese de interpretação	Função semiótica	Tipo de argumento	Posição no texto	Iconicidade do projeto	
					Baixa
[*] enunciados	Indicial	Hipotético-	Abrindo	0	0
que criam a ilusão de verdade, de certeza, de confiabilidade	naca	empírico	parágrafo ou período		O
[1] afirmação falsa que utiliza endosso de sujeito indeterminado		Empírico	Concluindo período	0	0
[2] afirmação falsa de tom ironizante	Indicial	Falacioso	Intercalada	0	0

[3] afirmação verdadeira com fundamento de oposição políti- co-ideológica		Verídico	Abertura de período	0	1
[4] formas lexicais supletivas que sustentam a imagem irônica sobre o tema focalizado: a cartilha do falar politicamente	Icônico- indicial	Hipotético- empírico	Formando par com forma dicionarizada	0	1
[5] alusão por analogia de tom ironizante		Hipotético- empírico	Intercalada	0	1
[6] afirmação de ressalva, que situa o autor na condição de conhecedor da língua e do país	Indicial- simbólica	Hipotético- empírico	Intercalada parentética	0	1
[7] item lexical que desorienta o leitor em relação à serie- dade ou não do texto		Verídico	Intercalada apositiva	0	0

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

100.			oria e i ranca		
[8] afirmação verdadeira apoiada em premissa falsa de que o Brasil seja homogê- neo em sua imensidade	Icônico- indicial	Falacioso	Intercalada apositiva	0	0
[9] afirmação hipotética de tom ironizante com fundamen- to de oposição político- ideológica		Predicional	Fechando parágrafo	0	0
	1	1	TOTAL	0	4

Com relação à posição dos dados no texto (coluna 4 da tabela), pode-se observar que (mesmo inconscientemente), as estruturas são projetadas em posições de base icônica, indicial ou simbólica em função das estratégias estruturais imanentes à gramaticalidade do sistema. Mesmo frases ditas mal formadas estão sujeitas à organização gramatical do sistema sob pena de tornarem-se ininteligíveis. Por conseguinte, quando se trata de um escritor experiente (como é o caso do eleito para exemplo), a estruturação gramatical ainda se submete a um projeto arquitetônico composto pelo autor que, em diálogo com o seu leitor interno, testa a

eficiência de uma e outra organizações frasais com vistas a eleger a mais eficaz, a mais contundente, a mais impactante.

Também procuramos atribuir valores numéricos (aleatórios) à alta e à baixa iconicidade, com a única meta de, pela soma, objetivar a presença maior ou menor de um ou outro tipo de característica no projeto do texto.

Considerando-se a natureza crítica do texto e o enfoque político-ideológico da interpretação, entendemos que o projeto seria de alta iconicidade na direção de induzir a uma leitura em que as ações de um governo que se propôs popular e democrático fossem avaliadas como antipopulares e antidemocráticas. Por isso, com o objetivo de concretizar a tabela de interpretação, atribuímos o grau *zero* às marcas de baixa iconicidade e o grau *um* às de alta iconicidade.

Convém observar ainda que, a despeito do tom irônico do texto e da utilização de declarações de natureza empírica, as marcas de despistamento do leitor (falácia) são mínimas, portanto, referenda-se o projeto comunicativo como de alta iconicidade se considerado como uma proposta à avaliação das atitudes negativas praticadas pelo governo petista no Brasil.

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

REFERÊNCIAS:

ALSTON, W. P. Filosofia da Linguagem, Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

AUROUX, Sylvan. **A filosofia da linguagem**. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BONINI, Adair. **Gêneros textuais e cognição**. Florianópolis/SC: insular, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia.** Campinas: Papirus, 1991.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. 1 ed. 3 tir. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. Leitura sem palavras. São Paulo: Ática. 1987.

FIORIN, J. Luiz (org.) **Introdução à Linguística**. *I – Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

GARCIA. O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 16^a ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

GUERREIRO, M. L. **Problemas de filosofia da linguagem**. Niterói/RJ: EdUFF, 1985.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S. & WERNER, R. La lexicografía. De la linguística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HRYENIEWCZ, Severo. **Para filosofar**. 5ª ed. rev. e ampl. 3ª tiragem. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2002

KATO, Mary A. O aprendizado da leitura. 3ª ed, - São Paulo: Martins Fontes. 1990.

KOCH, Ingedore V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência.** 4ª ed. São Paulo: Cortez Editores, 1995.

PETTER, Margarida. "Linguagem, língua e linguística". In MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1992.

MOURA, H. M. de Melo. **Significação e Contexto**. Uma introdução a questões de semântica e pragmática. Florianópolis/SC: Insular, 2000.

NEIVA, Eduardo. A imagem. São Paulo: Ática, 1986.

NÖTH, W. **Panorama da Semiótica**. São Paulo: Annablume. 1995.

PEIRCE, Charles Sanders. (1931-58). The Collected Papers of Charles Sanders Peirce - electronic edition - reproducing Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss (Cambridge, MA: Harvard University

141

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

Press, 1931-1935), Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks (same publisher, 1958)

PERELMAN, Chaïm. **Tratado de argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

POTTIER, B. Linguística geral. Teoria e descrição. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presenca. 1978.

SANTAELLA, Lucia. **Produção de linguagem e ideo-logia**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. A percepção. Uma teoria semiótica. 2 ed. São Paulo: Experimento. 1998.

SAUTCHUK, Ignez. A produção dialógica do texto escrito. Um diálogo entre escritor e leitor interno. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

SEARLE, John. **Os actos de fala**. Coimbra: Almedina, 1984.

SEBEOK, Thomas A. **The Sign and its Masters**. Soviet **Semiotics**. An Anthology. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979.

SIMÕES, Darcilia. **Semiótica & ensino: uma proposta.** Alfabetização pela imagem. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts¹⁵, 2009.

As publicações DIALOGARTS online estão disponíveis em www.dialogarts.ueri.br

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática . & GARCÍA, Flavio. "Alteridades individuais: o outro no/do texto". Matraga (Rio de Janeiro)., v.15, p.157 - 170, 2008. . Iconicidade e Verossimilhanca. Semiótica aplicada ao texto verbal. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. _. "Semiótica, leitura e produção de textos: Alternativas metodológicas." In Caderno Seminal Digital, Ano 11, nº 2, V. 1 [Jul/Dez] - (ISSN 1806-9142). 2004. [p. 126 - 142] Semiótica & Ensino. Reflexões teóricometodológicas sobre o livro-sem-legenda e a redação. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2003. _. "Semiótica na comunicação linguística: um instrumental indispensável". In José Carlos de Azeredo. (Org.). Letras & Comunicação. Uma parceria no ensino da língua portuguesa. 1ª ed.Petrópolis: Vozes, 2001, v.único, p. 86-100. . "A formação docente em Letras à luz dos parâmetros curriculares nacionais." In AZEREDO, José Carlos de (org.) Língua portuguesa em debate. Conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes. 2000a. [p.112-117] _. & E. FERRARI. "Textos e imagens". In Caderno Seminal, Ano 7, No 8, Rio de Janeiro: Dialogarts. 2000b. [p.114-118]

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

____. & V. F. CASTRO. "Linguagens, ensino e Semiótica aplicada". In **Caderno Seminal**, Ano 7, N° 9, Rio de Janeiro: Dialogarts. 2000c. [p.140-149]

_____. & Mª. Teresa T. V. ABREU. "Leitura e Produção de Textos: uma Abordagem Semiótica para o Ensino de Língua Materna". In SIMÕES, Darcilia (org.) Estudos semióticos. Papéis avulsos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004. [p. 61-77] (1ª versão publicada em 1999)

_____. & Vânia Lucia R. DUTRA. "A iconicidade, a leitura e o projeto do texto". In **Linguagem & Ensino**. [ISSN 1415-1928]. Volume 7. Número 2. Jul/Dez. 2004. Pelotas: UCPel.

ZARAMELLO, V. "Educação e informática: o uso da multimídia." In **Revista Brasileira de Linguística** / Sociedade Brasileira de Professores de Linguística. Vol. 14 – Nº 1 (2006 – Ano 32) São Paulo: Universidade Braz Cubas: Terceira Margem. 2007. [p. 133 -142]

FONTES DIGITAIS (WEB)

MORIN, Edgar. "O desafio da complexidade e da transdisciplinaridade. Entrevista com Edgar Morin". 26/4/2008.

http://www.unisinos.br/_ihu/templates/interna/images/ícone_noticias.jpg

FIDALGO, Antonio. Sinais e Signos. "Aproximação aos conceitos de signo e de Semiótica".

 $\frac{http://ubista.ubi.pt/\sim\!comum/fidalgo\text{-}sinaissignos.}{htm}$

PEIRCE, Charles S. ¿Qué es un signo? Traducción castellana de Uxía Rivas (1999).

http://www.unav.es/gep/Signo.html

PEIRCE, C. S. "Fundamento, objeto e interpretante". Apud MS 798 [On Signs] c.1897, 5 pp. Fue publicado como CP 2.227-229 y 2.444n1. - Tradução castelhana de Mariluz Restrepo (2003) –em www.liccom.edu.uy/bedelia/cursos/ semiotica/Fundamento_objeto_e_interpretante.doc

PEIRCE, Charles S. (c. 1902) C. S. Peirce (c. 1902). Traducción castellana y notas de José Vericat. En: *Charles S. Peirce. El hombre, un signo (El pragmatismo de Peirce)*, Crítica, Barcelona, 1988, pp. 332-391. "Why Study Logic?" corresponde a *CP* 2. 119-202.) em http://www.unav.es/gep/Peirce-esp.html

SIMÕES, Darcilia. "De quando a escolha das palavras é novelo no labirinto do texto".

http://www.darciliasimoes.pro.br/textos

____. "A construção fonosSemiótica dos personagens de "Desenredo" de Guimarães Rosa". In **Revista Philologus** – set-dez/97—(distribuição:mar/98. [p.67-81];

http://www.filologia.org.br/anais/anais_201.html

Iconicidade Verbal: Teoria e Prática

DICIONÁRIOS

Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa - versão 1.0, Instituto Houaiss. São Paulo: Editora Objetiva. 2001.

Dicionário Aurélio Eletrônico, Século XXI, Versão 3.0, 3ª. edição, 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, 2004.